



Uma antiga lenda medieval fala de um humilde monge e chegou até os dias de hoje pela doçura de sua mensagem. Antes de ordenar-se, o monge havia sido artista popular. Ao aproximar-se o Natal, ele, que fizera voto de pobreza, nada tinha para presentear a Virgem e o Menino exceto suas habilidades. Quando outros monges o flagraram



fazendo malarismos em frente à imagem, dispuseram-se a acusá-lo de blasfêmia. Para sua surpresa, o Menino sorriu e a Virgem abençoou o monge, sabendo da pureza de suas intenções. Nesta singela passagem, celebramos todos aqueles que dão ao mundo o melhor do que guardam em seus corações.





In Memoriam

Joaquim Alves Barbosa, 33°

Por **Juliano Coelho Braga**, 11°

Consternados, registramos em 26 de dezembro de 2007, a perda de mais um grande Obreiro e defensor do

R.:E.:A.:A.: e da Maçonaria Universal, o Ilustre e Poderoso Irmão **Joaquim Alves Barbosa**, 33°, Membro Efetivo e Grande Chanceler Guarda dos Selos de nosso Supremo Conselho.

Nascido em 20 de abril de 1926, militar do Exército Brasileiro, o Ir.: Barbosa iniciou na Maçonaria em 28 de novembro de 1976 na A.:R.:L.:S.: *Progresso e Ordem* da antiga M.R. Grande Loja da Guanabara, depois Grande Loja do Estado do Rio de Janeiro. Também foi membro das AA.:RR.:LL.:SS.:

Fraternidade nº 100, *Mahatma Ghandi* nº 90 e *Luz do Sol* nº 121, sendo Venerável Mestre das duas últimas. Ainda, presidiu o Capítulo Rosa Cruz *Simon Bolívar*, no Vale de Jacarepaguá. Foi eleito e coroado Membro Efetivo do Supremo Conselho em 12 de março de 1988.

Sempre com espírito fraternal e ciente da importância da família, foi um grande incentivador das Ordens Para-Maçônicas. Foi fundador do Capítulo Rio de Janeiro n.º 001 da *Ordem Demolay* – sendo o Presidente do Conselho Consultivo. Foi Guardião do *Bethel Rio de Janeiro* n.º 001, da *Ordem das Filhas de Jô*, e membro do *Capítulo Rio de Janeiro* n.º 002, da *Ordem da Estrela do Oriente*.

Esperamos que com essa singela homenagem possamos passar aos demais Irmãos o exemplo de fraternidade deixado por esse homem, que aos 81 anos de idade, completou sua obra e foi para os braços do *Grande Arquiteto do Universo*. ▲



In Memoriam

Edno Gomes Dannemann, 33°

Por **Normand Farias**, 33°

No dia 15 de outubro de 2007 passou para o Oriente Eterno o querido Ir.: **Edno Gomes Dannemann**, 33°, Membro Efetivo do Supremo Conselho do Grau 33 e Soberano Grande Inspetor Litúrgico da 1ª Região do Estado da Bahia, deixando enorme lacuna no seio dos Altos Corpos Filosóficos de sua jurisdição, motivo pelo qual, pelo Ato nº 640 – 2003/2008 do Soberano Grande Comendador, Respetabilíssimo Ir.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33°, foi determinado luto de 7 dias.

Na vida profana, o Ir.: Edno era Cirurgião Dentista, chefe do serviço de odontologia do Hospital São Rafael, Professor com cursos de especialização em vários Estados do Brasil.

Na vida maçônica, foi iniciado em 27 de outubro de 1965, na Loja Simbólica *Liberdade*, onde ocupou vários cargos administrativos, inclusive o de Venerável, no período de 1969 / 70. Naquela Loja foi o idealizador e fundador da *Coluna das Venerandas*, associação constituída pelas cunhadas, cujo trabalho muito contribuiu para o êxito de sua administração. Ainda criou um Curso de Alfabetização para adultos, sob orientação dos Irmãos.

Foi membro do *Venerável Conselho de Mestres Instalados* no Grão Mestrado do Il.: e Pod.: Ir.: **Oswaldo Bello Biscaia**, 33°. No mês de outubro de 1974, pediu Quit-Placet da Loja *Liberdade* e optou por filiar-se, ainda naquele ano, na Loja *União e Justiça Segunda*, tendo sido eleito Venerável para os exercícios de 1975 / 76 e 1977 / 78. Foi membro da Comissão de Liturgia da Grande Loja, no Grão Mestrado do Ir.: e Pod.: Ir.: **Florival Bastos Ferreira**.

Nos Altos Corpos Filosóficos, onde exerceu vários cargos, foi fundador de inúmeras Lojas no interior e com muita sabedoria chegou ao ápice de sua carreira maçônica como Membro Efetivo do Supremo Conselho do Grau 33 e Soberano Grande Inspetor Litúrgico da 1ª Região do Estado da Bahia.

Indiscutivelmente, o Ir.: **Edno Gomes Dannemann**, 33° teve uma desmesurada série de serviços prestados à Maçonaria Baiana, além de ser muito solicitado por várias Lojas para conferências e palestras sobre assuntos litúrgicos. Que continue sua vida maçônica na *Grande Loja Celestial*. ▲



Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33° Soberano Grande Comendador

Meus Irmãos

Eis-nos iniciando mais um ano de profícua administração do Supremo Conselho.

Terminaremos nosso segundo mandato no dia 14 de março próximo futuro. E o que realizamos?

Inicialmente desejo salientar o expressivo número de Irmãos ativos, pois, ao iniciarmos o nosso primeiro mandato, em março de 1998, havia pouco mais de 2000 (dois mil) Irmãos ativos reforçando as bases do R.:E.:A.:A.: regular em nosso país.

Hoje, este número ultrapassa a cifra de 12.000 (doze mil) e continua em rápida ascensão. Acreditamos que, até o final do próximo quinquênio atingiremos o expressivo contingente de 25.000 a 30.000 (vinte e cinco a trinta mil) Irmãos ativos jurisdicionados ao Supremo Conselho. E este número ainda poderia ser maior, caso não existissem tantos Irmãos dispersos filiados a organismos maçônicos irregulares.

Neste segundo mandato conseguimos ultimar e inaugurar o Auditório, com cerca de 400 assentos; o novo prédio da Administração, motivo de orgulho para todos nós e estamos em vias de inaugurar a Entrada Monumental da Sede do Supremo Conselho, o que pretendemos fazer no próximo dia 18 de março deste ano; notáveis eventos.

Neste terceiro mandato, que se iniciará em 15 de março, com a elei-

ção da Administração 2008 a 2013, estão programadas a edificação dos Templos das Lojas de Perfeição, Capítulo Rosa Cruz, Conselho de Cavaleiros Kadosch, Consistório de Príncipes do Real Segredo e nobre do Supremo Conselho.

Adaptaremos o edifício da antiga sede para funcionar como Museu do **Rito Escocês Antigo e Aceito**.

Pretendemos edificar Templo próprio para os Jovens DeMolay, Filhas de Jó e Estrela do Oriente.

Há, inclusive um projeto de um Templo Modelo para os Graus Simbólicos, no **Rito Escocês Antigo e Aceito**, sem preocupação de criação de Loja Simbólica

Quem viver verá!

Mantivemos estrita observância dos prazos intersticiais, eliminando a antiga crítica de favorecimentos.

Prosseguimos em nosso trabalho de estreitarmos os laços fraternos com os Irmãos de todos os quadrantes de nossa pátria, aproximando-nos das Grandes Lojas e de suas Administrações, sem fazer conta dos perigos do caos aéreo e dos cansaços das viagens.

Fiéis aos nossos propósitos, enunciados no programa posto no início de nossos mandatos, desenvolvemos tudo aqui narrado, sem esmorecimento passo a passo, hora a hora, dia a dia, mês a mês, ano a ano. O G.:A.:D.:U.: nos amparou e iluminou nossos caminhos.

Claro que tudo isto teve um preço: ciúmes, invejas, oposições, atos malévolos e, até, possuem, tentativas de criação de Supremos Conselhos regionais, em óbvia infringência ao **Parágrafo III, do artigo V, das Grandes Constituições e Regulamentos** que regem todos os **Supremos Conselhos Regulares do Universo**. O qual dispõe:

“Não haverá senão um só Supremo Conselho em cada Império.

Estado Soberano ou Reino da Ásia, da África etc... etc...”
(os grifos são nossos)

Ora, o único **Supremo Conselho Regular**, reconhecido por todos seres iguais no **Universo Maçônico** é o **Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil**, hoje por nós honrosamente dirigido.

Todas as tentativas de criação de **Supremo Conselho do R.:E.:A.:A.:**, portanto, estão destinadas à esterilidade, desde que somente um **REGULAR** pode existir em cada país soberano. E, como já explicitarei linhas atrás, este é o nosso, o vosso **Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A. da Maçonaria para a República Federativa do Brasil**, com sede na Rua Barão nº 1317/1359, Praça Seca, Jacarepaguá, Rio de Janeiro, Brasil.

Outros, serão irregulares, sem reconhecimento no **Universo Maçônico**; serão, simplesmente **outros** entre **outros**.

A propósito, tivemos notícias de que proposta de criação de **Supremos Conselhos regionais** (?), foram exemplarmente rejeitados pelos Irmãos presentes às Assembléias em que foram elas apresentadas. Fica posta a pergunta: de que lado está a maturidade maçônica, dos irrefletidos líderes ou dos valorosos e sábios liderados?

Alvissaras, ainda há **Maçons Livres e Aceitos** em nosso imenso Brasil.

Findo esta longa, porém necessária Mensagem, que não diz tudo, mas busca esclarecer algo.

Feliz 2008, o G.:A.:D.:U.: o proverá.





Sessão Conjunta nos Estados Unidos

João Alexandre Rangel de Carvalho, 33º
Chefe da Secretaria Geral

Um evento maçônico histórico! Algo inigualável e de excepcional significado para o Rito Escocês Antigo e Aceito em todo o mundo! Verdadeiramente, um momento único e marcante que ficará na memória de todos os mais de 3.600 participantes que estiveram de 26 a 29 de agosto de 2007 em Washington, DC, capital norte-americana e que assistiram a 1ª Sessão Conjunta de ambos os Supremos Conselhos daquele país, algo que jamais aconteceu em 200 anos de história do R.: E.:A.:A.:.

Representando nosso respeitado Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, que insistimos em informar ser o único legitimamente reconhecido em todo o mundo, ativo membro da Conferência Mundial dos Supremos Conselhos Regulares, nosso Soberano Grande Comendador Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, e mais os Ill.: Iir.: Victor Conde do Nascimento, 33º, Grande Inspetor Litúrgico da 5ª Região Litúrgica de São Paulo, João Antonio Aidar Coe-

lho, 33º, também do Estado de São Paulo, e João Alexandre Rangel de Carvalho, 33º, Chefe da Secretaria Geral.

A 1ª Sessão Conjunta teve a renomada liderança dos amigos Soberanos Grandes Comendadores Ronald A. Seale, 33º, do Supremo Conselho da Jurisdição Sul (Mãe do Mundo), e John William McNaughton, 33º, do Supremo Conselho da Jurisdição Norte, que receberam, nos quatro dias de reuniões, as delegações de 51 Supremos Conselhos, 48 Sereníssimos Grãos Mestres (sim, das 50 Grandes Lojas, 48 estiveram representadas por seus líderes máximos!), e chefes de diversas Organizações Maçônicas e para-Maçônicas norte-americanas, como o Resp.: Ir.: Patton Ray Hart, PGM da Grande Loja do Kentucky e atual Grande Mestre Internacional da Ordem DeMolay.

Tudo foi realizado com extrema destreza e eficiência, além, é claro, da cordialidade, atenção e carinho fraternal dos nossos queridos Irmãos norte-americanos. Nesta parte, devemos destacar a consideração que foi dada ao nosso Soberano Irmão

1 - Abertura da Sessão Conjunta pelos Honoráveis Irmãos Ronald A. Seale, 33º (SGC Sul, EUA) E John W. McNaughton, 33º (SGC Norte, EUA).

2 - SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, ao lado (esquerdo) do SGC Francisco J. Zentella Y Sasso, 33º (México), e um de seus Membros Efetivos.

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, e sua comitiva, por parte dos SGCs Ronald Seale, 33º, e John McNaughton, 33º, e suas amáveis esposas Sandra e Judy, respectivamente. Também tivemos a feliz oportunidade de ser recebidos em dois distintos eventos: um coquetel de boas vindas oferecido pela Jurisdição Norte, quando estivemos sob os cuidados de nosso amado Ir.'. Richard Burgess, 33º, Assistente do SGC para Assuntos Internacionais, e sua simpática esposa Sue; e um jantar de confraternização oferecido pelo Estado de Washington, através do convite de nosso Il.: e Pod.: Ir.: William R. Miller, 33º, Membro Efetivo e nosso Grande Representante junto ao Supremo Conselho da Jurisdição Sul, e sua adorável esposa Marylin.

O ponto alto —ou melhor, nesta especial e histórica ocasião —os pontos altos foram, nada mais, nada menos, que as duas Cerimônias Magnas de Investidura do Grau 33 de ambos os Supremos Conselho co-irmãos. No dia 27 de agosto, presenciamos a consagração de 177 Irmãos de todos os 15 Estados que



compõem a Jurisdição Norte, em uma sessão teatral, repleta de aspectos filosóficos e simbólicos. No dia seguinte, 28, foi a vez de aproximadamente 400 Irmãos, membros dos Corpos Filosóficos dos 35 Estados sob os auspícios da Jurisdição Sul, chegarem ao ápice dos Graus Escoceses, numa cerimônia bem parecida ritualisticamente como a que realizamos em nosso Supremo Conselho.

Monumentais, assim podemos definir as duas sessões maçônicas!!!

Um Banquete de Gala, somente sendo possível realizá-lo em um gigantesco salão do Hotel Hilton Washington, encerrou as atividades.

Salientamos aos Ill. Iir., dedicados componentes de nosso Supremo Conselho e assíduos leitores de nossa revista "Astréa", que a grandeza de tal evento é prova incontestada da nobreza, do progresso, da tradição e da universalidade do Rito Escocês Antigo e Aceito, o mais praticado em todas as Lojas Maçônicas do mundo. E, é sim, motivo de enorme orgulho fazer parte desta Universal Família — a Família dos Supremos Conselhos Regulares, pois só quem é regular em nosso glorioso Rito no Brasil poderá vir a presenciar algo de tanto valor histórico para a Ordem Maçônica.

O retorno de nosso Soberano Grande Comendador Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, e seus Irmãos auxiliares ao "Lar, Doce Lar" Brasil foi muito seguro, com a graça maior do Grande Arquiteto do Universo, com a certeza de mais uma vez ter dignamente representado o Supremo Conselho.



3 - Ir. João Alexandre, 33º, SGC Eugenio Labitoria, 33º (Filipinas), SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, e Ir. João Antônio Aidar Coelho, 33º.

4 - Ir. João Alexandre, 33º, SGC Jan Kvasnicka, 33º (República Tcheca) e SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º.

5 - Ir. Victor Conde do Nascimento, 33º, SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, SGC Miguel Atala Herrera, 33º (Peru) e Ir. João Alexandre, 33º.

6 - Ir. João Alexandre, 33º, SGC Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, e o Ser. Gr. Mestre da Gr. Loja do Distrito de Columbia, Robert B. Heyat.





Membros Eméritos de Honra

Henry C. Clausen, 33† (E.U.A.), 30/5/75
 Carlos Alberto R. Rozo, 33† (Colômbia), 3/5/75
 José Royuela Albo, 33 (Bolívia), 11/11/79
 Walter H. Mortlock, 33 (Canadá), 11/11/79
 Raoul L. Mattei, 33† (França), 11/11/79
 Mahmoud Hومان, 33† (Irã), 11/11/79
 Fausto Bruni, 33 (Itália), 11/11/79
 Alejandro Garcia Bastos, 33 (México), 11/11/79
 Rogelio M. Téran, 33 (Panamá), 11/11/79
 Stanley F. Maxwell, 33 † (E.U.A.), 11/11/79
 Richard A. Kern, 33 † (E.U.A.), 11/11/79
 Geroge Newbury, 33 † (E.U.A.), 11/11/79
 Julian Calvo, 33 † (Espanha), 11/11/79
 Kurt Hendrikson, 33 (Alemanha), 19/11/79
 Luis A. Hourcade, 33 † (Argentina), 19/11/79
 Franz Simecek, 33 (Áustria), 19/11/79
 Raoul Berteaux, 33 † (Bélgica), 19/11/79
 Ignacio González Ginouvés, 33 (Chile), 19/11/79
 Juan José Soto Aguilar, 33 (Costa Rica), 19/11/79
 Ricardo Mestre Llano, 33 (Cuba), 19/11/79
 Rodolfo Glaser, 33, (El Salvador), 19/11/79
 Bruno Sadum M., 33 (Equador), 19/11/79
 Raymond E. Wilmarth, 33 (Filipinas), 19/11/79
 Demeter Tsiros, 33† (Grécia), 19/11/79
 José M. Moscoso Espeno, 33 (Guatemala), 19/11/79
 B. J. D. Alberts, 33 (Holanda), 19/11/79
 Cristobal Prates, 33 (Honduras), 19/11/79
 Abraham Fellman, 33 (Israel), 19/11/79
 Tony Wehenkel, 33 (Luxemburgo), 19/11/79
 Ernesto Wisnesner K., 33 (Nicarágua), 19/11/79
 Juan Plate, 33 † (Paraguai), 19/11/79
 Cesar Ruiz Reategui, 33 (Peru), 19/11/79
 Luis A. Brower Castillo, 33 † (Rep. Dom.), 19/11/79
 Kurt Raschle, 33 (Suíça), 19/11/79
 Mukbil A Gokdokan, 33 (Turquia), 19/11/79
 Milton Galmes Reyes, 33 (Uruguai), 19/11/79
 Miguel A. Tejada R., 33 (Venezuela), 19/11/79
 C. Fred Kleinknecht, 33 (E.U.A.), 17/9/87
 Francis G. Paul, 33 † (E.U.A.), 17/9/88
 Gordon L. Bennett, 33 (Canadá), 11/8/90
 Agustin Arriaga Rivera, 33 (México), 14/9/92
 Sahir Erman, 33 (Turquia), 28/4/92
 Antonios Loizos, 33 (Grécia), 28/4/92
 Gabriel Jesus Marin, 33 (Argentina), 27/6/97
 Henri L. Baranger, 33 (França), 27/6/97
 Robert O. Ralston, 33 (E.U.A.), 27/5/99
 Leopold Troethann, 33, (Áustria), 25/1/01

Lutfallah Hay, 33 (Irã no Exílio), 25/1/01
 Faruk Erengul, 33 (Turquia), 2/2/01
 Suha Umur, 33 (Turquia), 2/2/01
 Julian Gascon Mercado, 33 (México), 2/2/01
 Georgios Halkiotis, 33 (Grécia), 2/2/01
 Diego Rodriguez Mariño, 33 (Uruguai), 11/10/01
 Domingo Vega de Armas, 33 (Venezuela), 11/10/01
 Floreal Toledo Vilarin, 33 (Chile), 11/10/01
 Roberto Auchén Homsí, 33 (Bolívia), 11/10/01
 Alberto M. Lacacy y Pérez-Cossio, 33 † (Espanha), 2/5/03
 Ramiro Arteta Guzmán, 33 (Colômbia), 11/10/01
 Roberto H. Neumarkt, 33 (Argentina), 11/10/01
 Carlos Reyes Geenzier, 33 (Panamá), 16/8/03
 Norman Edward Byrne, 33† (Canadá), 16/8/03
 John V. Lawer, 33 (Canadá), 16/8/03
 José Maria Florêncio Jr., 33 (Polónia), 27/2/03
 Diego Bertolucci, 33 (Paraguai), 27/2/03
 Manuel E. Contreras Villalba, 33 (Bolívia), 4/3/03
 Mauro Milanese, 33 (África do Sul), 16/8/03
 Cesar Anibal Garcia, 33 (Rep. Dominicana), 13/2/03
 Sydney R. Baxter, 33 (E.U.A.), 13/02/03
 Jorge Anibal Goldenberg, 33, (Paraguai) 4/11/03
 Walter E. Webber, 33 † (E.U.A.), 31/8/04
 Jack Ball, 33 (Austrália), 20/5/2005
 Friedrich Wilhelm Schmidt, 33 (Alemanha), 15/9/05
 Isaac Schuster Smith, 33 (Colômbia), 18/2/06
 Corrado Balacco Gabrieli, 33 (Itália), 15/5/07
 John William McNaughton, 33 (EUA), 21/8/07

Membros Eméritos

Onéas D'Assunção, 33 †, 10/8/72
 Nivaldo Ribeiro Coimbra, 33, 7/2/73
 Raimundo José de Oliveira, 33, 7/4/76
 Elimar Baumgarten, 33 †, 30/11/77
 Rizzardo V. G. A. da Camino, 33 †, 12/3/88
 Antonio O. Gurgel do Amaral, 33, 12/8/89
 Ailton Elisiário de Souza, 33, 2/5/91
 James Gilson Berlim, 33, 23/4/93
 Alberto Pontes Garcia, 33, 23/4/93
 José Ribamar L. de Oliveira, 33 †, 7/7/93
 Ersio Antônio Ferreira Gomes, 33, 22/6/99
 José Soares Filho, 33, 28/6/03
 Aíron Nascimento Câmara, 33 †, 21/9/04
 Adolpho Porta, 33, 21/9/04
 Francisco de Assis Alves Cascaes, 33, 21/9/04
 Rui Silvio Stragliotto, 33, 30/11/05
 Orlando Marinho da Silva, 33, 30/11/05
 Lyrio Bravim, 33, 30/9/06



Progresso, Progresso, Progresso!

**João Alexandre Rangel
de Carvalho, 33º**

Chefe da Secretaria Geral

Foram muitas, muitas Iniciações nos Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito nos mais de 800 Corpos Filosóficos espalhados por todo o Território Nacional. Uma enorme gama de dedicados Obreiros desenvolvendo os seus conhecimentos sobre os inúmeros símbolos, sobre a história e a filosofia de nosso Rito, em particular, e da Ordem Maçônica, como um todo.

Como não poderíamos, nestas poucas páginas, retratar todas as Iniciações realizadas, decidimos apresentar aos Ilustres Irmãos algumas fotos das Investiduras ao Grau 33 realizadas no segundo semestre de 2007. Nosso Soberano Grande Comendador **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**, consagrou, ao mais Sublime Grau do R.:E.:A.:A.:., 737 Irmãos, realizando a cerimônia ritualística, na grande maioria das vezes, em suas cidades, com a participação dos Irmãos daquelas localidades e, nas festividades públicas,



Pernambuco

Investidura durante a XXXVI Assembléia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – Recife, PE, em 21 de julho de 2007.



Santa Catarina

Investidura durante as Solenidades Comemorativas do Dia do Maçom da M. R. Grande Loja de Santa Catarina – Jaraguá do Sul, SC, em 18 de agosto de 2007.

Minas Gerais

Investidura durante a celebração dos 80 Anos de Fundação da M. R. Grande Loja Maçônica de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG, em 22 de setembro de 2007.





São Paulo

Investidura de 103 Irmãos promovida pela 5ª Região Litúrgica do Estado de São Paulo – Santos, SP, em 29 de setembro de 2007.

Mato Grosso

Investidura promovida pela Inspetoria Litúrgica do Estado do Mato Grosso – Cuiabá, MT, em 6 de outubro de 2007.



Mato Grosso do Sul

Investidura durante as comemorações do 45º Aniversário de Fundação da M. R. Grande Loja Maçônica do Estado do Mato Grosso do Sul – Campo Grande, MS, em 24 de novembro de 2007.

Sergipe

Investidura durante as comemorações do 24º Aniversário de Fundação da M. R. Grande Loja Maçônica de Sergipe e realização do V Fórum dos SSer. Grão-Mestres das Grandes Lojas da Região Nordeste – Aracaju, SE, em 16 de novembro de 2007.



São Paulo

Investidura promovida pela 1ª Região Litúrgica do Estado de São Paulo – São Paulo, SP, em 08 de dezembro de 2007;



Rio de Janeiro

Investidura celebrando os 178 Anos de Instalação de nosso Supremo Conselho, em sua sede administrativa na cidade do Rio de Janeiro, RJ, em 20 de novembro de 2007.



com a importante participação das famílias dos Irmãos investidos.

Queremos destacar, em especial, a efetiva e relevante participação dos Sereníssimos Grãos Mestres de nossas Respeitáveis Grandes Lojas, líderes máximos do Simbolismo, numa real demonstração de apoio ao Rito e ao Supremo Conselho. A eles, nossa sincera gratidão.

Desejamos congratular os nossos Membros Efetivos, Grandes Inspectores Litúrgicos, os zelosos incentivadores do Rito nas várias Regiões Litúrgicas em todo o Brasil, aos Delegados e Presidentes dos Corpos Subordinados e todos, todos os Irmãos, sem exceção, que fizeram deste ano que passou um ano de Progresso, Progresso e Progresso.

PARABÉNS!!! ▲



Maranhão

Investidura promovida pela Inspetoria Litúrgica do Estado do Maranhão – São Luís, MA, em 1º de dezembro de 2007.



Rio Grande do Sul

Investidura promovida pela 5ª Região Litúrgica do Estado do Rio Grande do Sul – Santa Maria, RS, em 27 de outubro de 2007.



Paraná

Investidura promovida pela 5ª Região Litúrgica do Estado do Paraná – Maringá, PR, em 15 de dezembro de 2007.





São João Batista, Patrono da Maçonaria

Ir. Anibal Silva, 33º

Membro da Academia Goiana Maçônica de Letras

Desde as primitivas iniciações, aquelas realizadas às margens dos rios sagrados Nilo, Iliso e Tibre, foram instituídas as *festas solsticiais*. E desde a Idade Média, a Maçonaria passou a celebrar duas grandes festas em homenagem a seus santos padroeiros: no solstício de verão, no hemisfério norte, a 24 de junho, dedicada a São João Batista, e outra, no solstício de inverno, no hemisfério sul, a de 27 de dezembro, dedicada a São João Evangelista.

É oportuno ressaltar que solstício é a época em que o sol passa pela maior declinação, boreal ou austral, e durante a qual cessa de afastar-se do equador. Esse fenômeno acontece nos dias 22 ou 23 de junho, na maior declinação boreal, e nos dias 22 ou 23 de dezembro, na maior declinação austral. São fases em que a Natureza patenteia transformações, contrastes notáveis e opostos, ensejando serem comemoradas por vários religiões, cultos e outras instituições, sob diversas formas e alegorias.

A Maçonaria, cujos princípios basilares baseiam-se nos fenômenos naturais, sobretudo nos solares, adotou os dois santos como padroeiros, tendo em vista os altivos exemplos deixados por eles, cujos ensinamentos se coadunam com os próprios postulados filosóficos da Ordem.

A impoluta integridade moral, a firme reprovação do vício, a sublimidade da pregação em prol do arrependimento e da virtude, a intensa aversão às práticas de injustiças e a defesa do batismo pela água como sinal de purificação são alguns mo-

tivos que justificaram a escolha do profeta João Batista como patrono da Maçonaria.

Filho de pais justos, irrepreensíveis, corretos cumpridores da Lei de Moisés e ligados ao ambiente sacerdotal, pois o casal Zacarias e Isabel, além de exemplar fidelidade, era obediente às tradições judaicas, João Batista herdou vasta sabedoria que lhe deu horizontes na execução de suas idéias tão positivas. Seu nascimento e missão foram anunciadas pelo Anjo Gabriel (Lc 1, 5-25). Apresentado pelos demais evangelistas como precursor do Messias, era seis meses mais velho que Jesus.

Pregando sempre à beira do rio Jordão, ele assim fazia descrevendo figuras apocalípticas, exortando a todos à penitência dos pecados através do batismo pela água, vez que entendia ser esta uma das formas para purificar os fiéis e fazê-los renunciar ao mundo de injustiças.

A imersão na água era um rito de purificação e de mudança de estado de vida da pessoa e também um símbolo utilizado tanto na vida religiosa como na vida civil. Basicamente um processo de limpeza espiritual, significava deixar um passado e começar uma vida nova, diferente. Por este batismo, João "criava" um sistema capaz de reunir pessoas santificadas, livres e de bons costumes, capazes de resistir às injustiças que tinham suas raízes no poder, fosse esse sagrado ou profano, religioso ou político.

Sabendo das atividades proféticas de João, Jesus saiu de sua cidade ao norte da Palestina e foi até o rio Jordão para receber o batismo tão pro-

curado pela multidão. O honrado carpinteiro de Nazaré entendia que receber tal mensagem de João significava reconhecê-lo como enviado de Deus. E sua passagem pela água seria confissão pública de mudança de compromisso e evidente símbolo de libertação.

As mensagens de João centravam-se no julgamento e na prevenção ao castigo iminente quando ele denunciava a prática de injustiças que as autoridades, tanto romanas quando judaicas, realizavam contra o povo de Israel. Suas críticas, muitas vezes contundentes, não eram vistas pela multidão como um simples resultado de uma visão sócio-religiosa-política do momento, mas consideradas como sendo algo inspirado e querido pelo Mestre Jesus.

É importante observar que a integridade de João Batista ia de encontro às tramas, concessões, infidelidades, corrupções e outras ações imorais praticadas pelo governo de Herodes Antipas. O profeta incomodava seriamente o libertino rei, que fez calar de vez a voz que gritava no deserto.

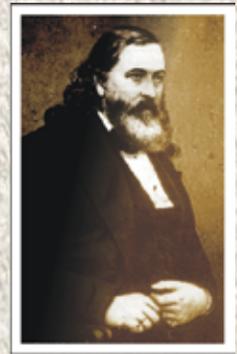
Por não concordar com a vida familiar do rei Herodes, em adultério com sua cunhada Herodíades, João foi preso, encarcerado na floresta de Maqueronte e, mais tarde, degolado para satisfação da esposa adúltera do rei vingador. O martírio de João confirma a originalidade de sua profecia e atesta o seu compromisso com a justiça.

Jesus admirava imensamente o comportamento de João Batista, a ponto de relacioná-lo com a nova era do Reino de Deus que chegava. E foi assim que o Mestre afirmou: *"Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, e, no entanto, o menor no Reino de Deus é o maior do que ele. Quem tem ouvidos, ouça!"*



O Pensamento Vivo de Albert Pike

Moral and Dogma



Príncipe do Tabernáculo

Grau 24 (5ª parte – final)

Tradução livre de J.W. Kreuzer Bach

Similares àqueles eram os Mistérios de *Bona Dea*, a boa deusa, cujo nome, afirmam Cícero e Plutarco, não era permitido a homem algum conhecer. Eram celebrados em Roma desde os seus primórdios, [...]

durante as calendas de maio e, de acordo com Plutarco, muito do cerimonial assemelhava-se ao dos Mistérios de Baco.

Os Mistérios de Vênus e Adônis vieram da Síria e da Fenícia, passando para a Grécia e a Sicília. Vênus, ou Astarté, era a grande divindade feminina dos fenícios, como Hércules, Melkarth ou Adoni era seu deus maior. Adoni, chamado Adônis, pelos gregos, era o amante de Vênus. Morreu devido a um ferimento na coxa durante uma caçada, inflingido por um javali selvagem. De seu sangue derramado brotou a flor chamada anêmona. Vênus recobrou o cadáver e recebeu de Júpiter a graça de ter a companhia de seu amante por seis meses do ano, devendo ele, nos outros seis meses, passar com Prosérpina no Reino das Sombras, uma descrição alegórica da presença do Sol nos dois hemisférios. Naqueles mistérios, sua morte era representada e lamentada, após o que sua ressurreição e ascensão aos Céus era anunciada.

Ezequiel fala dos festivais de Adônis sob o nome de Tamuz, uma divindade assíria, por quem as mulheres

Nota do Tradutor

No texto que Pike reservou para o 24º Grau praticamente ele esgotou tudo o que se sabia a respeito dos antigos mistérios em seu tempo. Inegavelmente, foi uma *tour de force*. Confesso que pareceu-me por vezes exaustiva sua peregrinação sobre a prática dos antigos mistérios, embora reconhecesse nela uma demonstração de imensa erudição. Porém, se tinha alguma dúvida da valia desse conhecimento nos dias de hoje, o velho Pike deu-me uma lição de humildade frente à antiga sabedoria, ao terminar esta quinta e última parte com estas palavras: *"Lembraí, quando estudardes os símbolos, que os antigos tinham um sentido mais profundo dessas maravilhas do que nós. Para eles, as transformações da lagarta constituíam-se em maravilha ainda maior que as estrelas no céu. Daí o porquê do pobre e insignificante escaravelho ser sagrado para eles. Assim, sua fé foi condensada em símbolos ou explicitada em alegorias que eles compreendiam muito bem, mas nem sempre eram capazes de explicar através da linguagem. Porque há pensamentos e idéias que nenhum idioma jamais escrito pelos homens tem palavras para expressar."*

Sábio Grande Comendador!
J.W.K.B.

pranteavam a cada ano, sentadas às portas de suas moradas.

Estes mistérios, como os demais, eram celebrados no equinócio da primavera, quando ele voltava à vida e o Sol (Adon – *senhor* ou *mestre*) estava no signo de Touro, o domicílio de Vênus. Adônis era representado com chifres – o hino de Orfeu em sua honra o denomina "o deus de dois chifres". Coincidentemente, em Argos, Baco era representado com patas de touro. Para Plutarco, Adônis e Baco eram a mesma divindade, baseando sua opinião na grande similaridade em muitos aspectos dos mistérios destes dois deuses.



O Rapto de Prosérpina, escultura de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680)



Os Mistérios de Baco eram conhecidos como festivais sabazianos(50), órficos ou dionisíacos. Remontavam à mais remota antiguidade entre os gregos e eram atribuídos por alguns ao próprio Baco e por outros a Orfeu. Nos cerimoniais, as semelhanças entre as observâncias ritualísticas em honra a Osíris no Egito e a Baco na Grécia; as tradições mitológicas dos dois deuses; e os símbolos usados nos festivais de ambos amplamente provam sua identidade. Nem o nome de Baco nem a palavra *orgia* aplicavam-se a estas festas. Tampouco as palavras sagradas usadas em seus mistérios eram gregas, mas sim de origem estrangeira. Baco era uma divindade adorada no Oriente. Suas orgias eram lá celebradas muito antes que os gregos a adotassem. Nos tempos mais remotos, ele era adorado na Índia, na Arábia e na Bactria(51).

Baco era adorado na Grécia em festivais públicos e em mistérios, alguns simples, outros mais sofisticados, de acordo com o local onde eram praticados. Isto porque seu culto veio de diferentes lugares e épocas. As pessoas que celebravam as versões mais complicadas dos mistérios ignoravam o significado de muitas das palavras que usavam e dos símbolos que reverenciavam. Nos festivais sabazianos (de Saba-Zeus, um nome oriental da divindade), por exemplo, as palavras *evoi* e *saboi*, não gregas, eram usadas. Uma serpente de ouro, atirada sobre o peito do Iniciado, aludia à fábula da ligação de Júpiter com Prosérpina, na forma de uma serpente, que gerou Baco, o touro. Vem daí a enigmática afirmativa, repetida aos iniciados, de que um touro gerou um dragão ou uma serpente, e que a serpente, por sua vez, gerou o touro, que se tornou Baco. Seu significado era de que o Touro [...] e a Serpente, outra constelação, ocupavam posições no céu tais que, quando uma aparecia, a outra se punha e vice-versa.

A serpente era um símbolo familiar nos Mistérios de Baco. Os Iniciados as seguravam com as mãos, como Ofiúco(52) faz com o globo celestial e o Orfeu-telestes, ou purificador, fazia o mesmo, gritando *evoi*, *saboi*, *hies*, *atté*, *atté*, *hies*!

Os Iniciados nesses mistérios preservaram o ritual e as cerimônias com a simplicidade das idades mais remotas e os costumes dos primeiros homens. As regras de Pitágoras eram seguidas, aqui. Do mesmo modo que os egípcios, para quem a lâ era impura, eles jamais enterravam um Iniciado com vestes de lâ. Abstinham-se de sacrifícios de sangue, vivendo de frutas, vegetais ou coisas inanimadas. Imitavam a vida das seitas contemplativas do Oriente, aproximando-se assim da tranquilidade dos homens primitivos, que viviam no

seio de uma paz profunda, livres de ameaças e crimes. Uma das vantagens mais preciosas prometidas por sua iniciação era colocar o homem em comunhão com a divindade ao purificar sua alma de todas as paixões que interferem com tal bênção. [...] Um dos graus da iniciação era o estado de inspiração que se dizia alcançarem os adeptos. Os Iniciados nos Mistérios do Cordeiro, na Frigia(53), diziam-se inspirados. Suas almas, por meio daquelas cerimônias religiosas, purificadas de todas as nódoas, podiam ver os deuses ainda nesta vida e, certamente, depois da morte.

Os portões do templo sagrado, onde eram realizadas as cerimônias de iniciação, eram abertos apenas uma vez por ano, e nenhum estranho podia entrar. Realizados sob o véu da noite, seus augustos mistérios não podiam ser revelados a ninguém. Lá, os sofrimentos de Baco eram representados. Como Osíris, ele morreu, desceu aos infernos e retornou à vida novamente. Carne crua era distribuída aos Iniciados, obrigados a comê-la em memória da morte da divindade, cortada em pedaços pelos Titãs. [...]

Naqueles mistérios, encenados por três dias e três noites, o aspirante era mantido em temor e escuridão. [...] Em solidão, deveria meditar profunda e seriamente naquilo em que se



Baco, quadro de Michelangelo Merisi da Caravaggio (1573-1610), mestre do barroco italiano.

envolvera, preparando seu espírito para receber as verdades sublimes e misteriosas da primitiva filosofia. Esta era assim uma morte simbólica, de onde ele se regenerava, daí ser chamado renascido. Enquanto confinado em sua cela, podia escutar a encenação de Tífon perseguindo o corpo mutilado de Osíris, enquanto Rea ou Ísis buscavam recuperá-lo. [...] Finalmente, anunciava-se que o corpo havia sido encontrado e o aspirante era liberado, em meio gritos de alegria e contentamento.

Ele então passava por uma representação do Inferno e do Elísio.(54)

Nas palavras de um antigo escritor, "então os iniciados eram entretidos com hinos, danças e apresentados às doutrinas do conhecimento sagrado. [...] E assim, iniciados e tornados perfeitos, eram livres e sem restrições. Coroados e triunfantes, podiam andar entre os abençoados, conversar com os homens santos e celebrar os sagrados Mistérios". Eram-lhes ensinados a natureza e os propósitos dos Mistérios e os meios para que se fizessem reconhecer, quando então recebiam o nome de *Epopts* e eram instruídos na natureza da Divindade e na doutrina de um futuro estado. E eram dados a conhecer a unidade e os atributos do Grande Arquiteto do Universo e do verdadeiro significado das fábulas a respeito dos deuses do paganismo: a grande Verdade



em que "Zeus é a fonte primitiva de todas as coisas; há apenas um Deus, um poder e uma lei sobre todos os outros". [...]

Entre os emblemas usados estava o bastão de Baco. Dizia-se que o deus o havia jogado ao solo e ele se tornara uma serpente. Em outra ocasião, ele bateu com o bastão nos rios Orontes e Hidaspes para que pudesse atravessar sem molhar os pés. Também obtinha-se água durante as cerimônias batendo com o bastão numa rocha. Os adoradores de Baco coroavam suas cabeças com serpentes e carregavam-nas em vasos e cestos. E nas representações, quando era achado o corpo de Osíris, eles atiravam uma serpente viva sobre o candidato.

Os Mistérios de Átis(55) e de sua amante, a deusa Cibele, encenados na Frigia, assemelham-se muito aos de Adônis, Baco, Osíris e Ísis. [...] Mais do que qualquer outro povo, os frísios misturavam alegorias com seus cultos religiosos e foram os grandes inventores das fábulas. Muitas eram suas tradições sacras, como as de Cibele e Átis. [...] Suas festas ocorriam nos equinócios, com lamentos, gritos e pranto pela morte de Átis, terminando com júbilo por sua restauração à vida.

Não falarei das diferentes versões da lenda de Cibele e Átis. [...] Basta dizer que basicamente se resume no seguinte: Cibele, uma princesa frigia, que inventou danças e instrumentos musicais, enamorou-se do jovem Átis; este ou mutilou-se num acesso de loucura ou foi mutilado por ela, num acesso de ciúmes. Átis morreu e depois, como Adônis, voltou à vida. É a mesma lenda do deus-sol na versão fenícia, expressa

Adonis foi amado pelas deusas Afrodite e Persédone. Morto por um javali, foi ressuscitado por Zeus a pedido de Afrodite, devendo passar os meses de verão com Afrodite na terra e os meses de inverno com Perséfone no reino das sombras. Esta história simboliza o ciclo natural de morte e renascimento da Natureza.

de outra forma e com outros nomes.

Cibele era adorada na Síria sob o nome de Rea. [...] Como ela, era representada ladeada por leões, levando um tambor e coroada de flores. De acordo com Varro, Cibele representava a terra. [...] Seu sumo sacerdote vestia uma túnica púrpura e uma tiara dourada. [...]

As cerimônias dos Mistérios de Átis eram alegóricas e, de acordo com o imperador Juliano, algumas coisas podiam ser explicadas, mas muito permanecia envolto por um véu de mistério. Desta forma, os símbolos sobreviveram às próprias explicações. A ignorância e a negligência substituíram os significados originais por outros, como aconteceu com muitos símbolos na Maçonaria. [...]

A adoração do Sol sob o nome de Mitras pertenceu à Pérsia, de onde veio o nome e os símbolos eruditos do culto. Para os persas, adoradores do fogo, o Sol era a energia fecunda que dava vida à terra e circulava em todo o Universo, do qual ele é a própria alma. Este culto passou da Pérsia à Armênia, à Capadócia e à Cilícia, antes de ser conhecido em Roma. Na cidade imperial, os Mistérios de Mitras eram mais conhecidos que qualquer outro e começou a prevalecer sob o imperador Trajano. Foram depois proibidos pelo imperador Adriano por causa das cruéis cenas neles representadas, onde vidas humanas eram



sacrificadas e onde adivinhava-se o futuro olhando as entranhas ainda palpitantes das vítimas. Apareceram com mais força que nunca sob o imperador Cômodo, que sacrificou uma vida a Mitras com suas próprias mãos. E foram mais praticados ainda sob Constantino e seus sucessores, quando sacerdotes de Mitras podiam ser encontrados por todo o império romano, até mesmo na Grã-Bretanha.

As cavernas eram consagradas a Mitras e decoradas com muitos símbolos astronômicos. E provas cruéis eram exigidas dos Iniciados.

Os persas não construía templos. Faziam seus cultos nos cumes das colinas ou em locais rochosos. Abominavam imagens e fizeram do fogo e do Sol emblemas da divindade. Os judeus tomaram deles este conceito. Por isto representaram Deus aparecendo a Abraão dentro de uma chama e a Moisés como fogo, nos montes Horeb e Sinai.

Para os persas, Mitras, representado como o Sol, era a divindade invisível, o Progenitor do Universo, o Mediador. Na caverna da iniciação zoroastriana, o Sol e os planetas eram representados no teto, em gemas preciosas e ouro, como também o zodíaco. O Sol aparecia emergindo pelas costas do Touro. Três grandes pilares, *Eternidade*, *Fecundidade* e *Autoridade*, suportavam o teto, o todo constituindo um emblema do Universo.

Cibele em seu carro puxado por leões vai de encontro ao amante Átis





Relevo romano de duas faces, datado do terceiro século A.D. e preservado no Museu do Louvre. Em um lado, mostrado no número anterior, Mitra, o deus persa, sacrifica o touro sagrado sob o olhar do Sol e da Lua, uma das imagens mais repetidas em publicações maçônicas sem que se cite origem. No outro, Mitra divide o banquete com o deus-sol. Notemos a serpente sagrada, o caduceu, o barrete frígio na cabeça dos personagens, os bastões empunhados pelas divindades e o caduceu a vara com duas serpentes enroscadas.



tadores, nos quais as trevas eram a principal característica. Ele assistia a uma representação dos infernos até finalmente emergir para a luz. Recebido num lugar que representava os Campos Elísios, em meio a uma brilhante assembléia de iniciados presidida pelo arquimago, este vestido de azul, o iniciado assumia os votos de segredo e recebia as Palavras Sagradas, das quais o Nome Inefável de Deus era a principal.

Aí, então, todos os incidentes de sua iniciação eram explicados, sendo-lhe dito que estas cerimônias o aproximaram da Divindade e que ele devia adorar o fogo consagrado à Divindade, um presente dela aos homens e sua residência visível na terra. Ele aprendia os caracteres sacros, conhecidos apenas pelos iniciados, e era instruído sobre a criação do mundo, sobre o sentido filosófico – oculto na mitologia vulgar, especialmente a lenda de Ormuz e Arimã – e o significado simbólico dos seis *Amshaspands*(56) criados por Ormuz: *Bahman*, o senhor da luz; *Ardibehest*, o gênio do fogo; *Shariver*, o senhor do esplendor e dos metais; *Stapandomad*, a fonte da fecundidade; *Khor-dad*, o gênio da água e do tempo; e *Amerdad*, protetor do mundo vegetal e a causa principal do crescimento. Finalmente, a ele era ensinado a

verdadeira natureza do Ser Supremo, Criador de Ormuz e Arimã, a Causa Primeira e Absoluta, denominada *Zeruane Akhereene*.

Na iniciação mitríaca havia diversos graus. O primeiro, diz Tertuliano, era o de *Soldado de Mitras*. A cerimônia de recepção consistia em apresentar uma coroa ao candidato, apoiada em uma espada. Era colocada perto de sua cabeça e ele devia recusá-la, dizendo "*Mitras é minha coroa!*" para que fosse então declarado soldado de Mitras, tendo o direito de convocar às armas os demais iniciados, soldados como ele ou companheiros de armas. Daí o título de Companheiro no Grau de Maçon do Real Arco do Rito Americano(57).

Segundo Porfírio, o candidato passa então ao *Grau do Leão*, referência à constelação do Leão, domicílio do Sol e símbolo de Mitras, encontrada em seus monumentos. [...]

Daí ele passava a um grau superior, onde os iniciados eram chamados *Perses* ou *crianças do Sol*. Acima deles estavam os Pais, cujo chefe ou patriarca era chamado *Pai dos Pais*, ou *Pater Patratus*. [...]

A pequena ilha de Samotrácia era, desde há muito, o centro de augustos mistérios. Muitos vinham de todas as partes da Grécia para serem

Zoroastro, como Moisés, dizia ter conversado face a face, de homem para homem, com a Divindade. E dizia ter recebido Dele uma forma pura de cultuar para ser comunicada apenas aos virtuosos e àqueles que se dedicassem ao estudo da Filosofia. Sua fama espalhou-se pelo mundo e pupilos de todas as partes vieram ter com ele, incluindo Pitágoras.

O candidato entrava na caverna da iniciação e era recebido na ponta de uma espada que o feria levemente no peito esquerdo nu. Preparado com uma coroa de ramos de oliveira e unguento com bálsamo e benjoim, ele era purificado com fogo e água e passava por sete estágios de iniciação. O símbolo desses estágios era uma escada com sete degraus. Neles, o candidato passava por testes amedron-

Ahura Mazda, o deus persa, em relevo de Persépolis (onde hoje está o Iraque), datado do século V a.C.



lá iniciados. [...] Os Dioscuri(58), junto com Vênus as divindades tutelares dos navegadores, eram invocados nos Mistérios de Samotrácia. A constelação Auriga ou Fetón(59) foi também lá homenageada com solenes cerimônias. Quando da expedição dos Argonautas, Orfeu, um iniciado nestes mistérios, ao ver aproximar-se uma tempestade, aconselhou seus companheiros a aportar em Samotrácia. Assim o fizeram e a tormenta cessou. Então, eles foram iniciados nos mistérios e navegaram novamente, assegurados de uma viagem afortunada, sob os auspícios dos *Dioscuri*, patronos de marinheiros e navegadores.

Porém muito mais do que isso era prometido aos iniciados. Os Hierofantes da Samotrácia tinham algo de infinitamente maior como objetivo de suas iniciações: a consagração dos homens à divindade, fazendo-os dedicarem-se à virtude a assegurando-os das recompensas que a justiça dos deuses reservam aos Iniciados após a morte. Isto, acima de tudo, tornava augustas essas cerimônias, inspirando um respeito imenso por elas em toda parte e o desejo de nelas ser admitido. Isto levou a ilha a ser denominada *sagrada* e a ser respeitada por todas as nações. Os romanos, quando senhores do mundo, deixou-a em liberdade e com suas próprias leis. Era um asilo para os desafortunados, um santuário inviolável. Lá, se não cometido em um templo, os homens poderiam ser absolvidos até do crime de homicídio.

Crianças em tenra idade eram iniciadas lá, investidas com a veste púrpura e a coroa de oliveira. (60)

[...]

As principais características dos mistérios druídicos lembram as do Oriente. As cerimônias começavam com um hino ao Sol. Os candidatos eram arrumados em filas de três, quatro e sete, de acordo com suas qualificações, e conduzidos nove vezes em torno do santuário, do Leste para Oeste. O candidato passava por muitas provas, uma das quais tinha relação direta com a lenda de Osíris. Ele era colocado em um bote e mandado só para o mar, confiando apenas em suas habilidades e presença de espírito para alcançar

a margem oposta em segurança. A morte de Hu(61) era narrada em voz alta, com sua carga de tristeza, para que o candidato pudesse ouvir quando ainda envolvido pela escuridão. Ele encontraria muitos obstáculos e tinha que provar sua coragem, expondo sua vida contra inimigos armados, e representando diversos animais. Finalmente, atingindo finalmente a luz, era instruído pelo arquidruída nos mistérios e no significado moral da Ordem, sendo instado a agir com bravura na guerra e a não negligenciar seus deveres para com a divindade, adotando a prática de uma rígida moralidade e evitando a preguiça, a discórdia e a imprudência.

O aspirante recebia apenas os conhecimentos exotéricos nos dois primeiros graus. O terceiro era obtido apenas por uns poucos e, mesmo assim, depois de longa purificação e do estudo, por nove meses e em solidão, de todas as artes e ciências conhecidas pelos druidas. Esta era a concepção da morte simbólica naqueles mistérios.

A viagem em mar aberto num pequeno bote coberto de pele, na tarde de 29 de abril, era a última das provas. Se ele declinasse de fazê-la, era dispensado com desprezo. Aceitando-a e tendo sucesso, era denominado *nascido três vezes* e tornado elegível a todos os postos e a receber a completa instrução nas doutrinas filosóficas e religiosas dos druidas.

Também as características das iniciações entre os godos eram similares a de todos os mistérios. [...]

Havia uma distinção entre os mistérios maiores e os menores [de Eléusis]. Era necessário ser admitido nos mistérios menores por alguns anos. [...] Os candidatos nos mistérios menores eram conhecidos como *mistes*, isto é, iniciados; nos mistérios superiores, como *epopts*, isto é, áugure ou adivinho. De acordo com um antigo poeta, os primeiros eram como sombras imperfeitas dos últimos, tal como o sono o é da mor-



O selo real de Dario mostra uma caçada ao leão sob a proteção de Mitra.

te. [...] As partes mais sublimes e secretas eram reservadas aos *epopts*, que contemplavam a Verdade em toda sua nudez, enquanto, os *mistes* olhavam-na como que através de um véu, mais para aguçar sua curiosidade do que para satisfazê-la. [...]

Quando finalmente admitido ao Grau da Perfeição, o iniciado era colocado face a face com a Natureza e aprendia que a alma era o todo do homem; que a terra era apenas o local de seu exílio; que o Céu era seu local de origem; que, para a alma, nascer é realmente morrer e que, para ela, morrer era renascer para uma nova vida. Aí, então ele penetrava no santuário. Mas ele não recebia todas as instruções de uma vez. Ela continuava por de muitos anos, avançando através de graus separados por espessos véus. [...]

Os mistérios gregos eram celebrados por nove dias, de acordo com as melhores referências. No primeiro dia, os iniciados se encontravam, na lua cheia do mês de *boédromion*, ao final do signo de Áries, perto das Plêiades. No segundo dia, acontecia uma procissão no mar, para purificação pelo banho. O terceiro era ocupado em oferendas, sacrifícios expiatórios e outros ritos religiosos, incluindo jejum, lamentos, abstenções, etc. Um peixe era imolado e feitas oferendas de grãos e animais vivos. No quarto dia, eles carregavam em procissão o buquê místico de flores, representando aquele que Prosérpina deixara cair quando raptada por Plutão e a coroa de Ariadne nos Céus (62), levada em um carro puxado por bois e seguido por mulheres portando urnas místicas en-



voltas em pano púrpura, contendo grãos de sésamo, biscoitos, sal, romãs, a serpente misteriosa, e, talvez o falo místico. No quinto dia, havia uma procissão de tochas, comemorativa da procura de Prosérpina por sua mãe, a deusa Ceres. [...]

O sexto dia era consagrado a Íaco(63), o jovem deus da luz, filho de Demeter, criado nos santuários e responsável por carregar a tocha do deus-sol. Aristófanés, em um de seus coros, o denomina como “*a estrela brilhante que ilumina a iniciação noturna*”. Ele era trazido do santuário com a cabeça coroada por um ramo de murta e conduzido pela via sacra desde o portão do Cerâmico(64) até Elêusis, em meio a danças, canções sacras e manifestações de alegria, entre elas o grito de Íaco! Íaco!

O sétimo dia era dedicado a exercícios de ginástica e lutas, cujos vencedores eram coroados e recompensados. O oitavo dia era a festa de Esculápio. No nono dia, eram feitas as famosas libações dedicadas às almas dos que se foram. Os sacerdotes, segundo Ateneu, enchiam dois vasos e colocavam um no Leste e outro no Oeste, voltados para os portões, e os entornavam, pronunciando preces misteriosas. Assim invocavam a Luz e as Trevas, os dois grandes princípios da Natureza.

Durante estes dias, ninguém podia ser preso nem acusações feitas, sob pena de morte ou, no mínimo, de pesada multa. E não era consentido a ninguém demonstrar riqueza de modo a rivalizar com as pompas sacras. Tudo era para a religião.

Estes eram os Mistérios e estes o Antigo pensamento, tal como chegaram até nós em fragmentos dispersos. A mente humana ainda especula sobre os grandes mistérios da Natureza e ainda descobre que suas idéias foram antecipadas pelos antigos, cujas divagações mais profundas devem ser vistas não em seus aspectos filosóficos, mas em seus símbolos, através dos quais eles tentarem expressar os grandes temas, o grande ciclo dos fenômenos – nascimento, vida, morte ou decomposição, e nova vida a partir da morte ou da decomposição – que em vão se tentou expressar em palavras.

.....

Lembraí, quando estudardes os símbolos, que os antigos tinham um sentido mais profundo dessas maravilhas do que nós. Para eles, as transformações da lagarta constituíam-se em maravilha ainda maior que as estrelas no céu. Daí o porquê do pobre e insignificante escaravelho ser sagrado para eles. Assim, sua fé foi condensada em símbolos ou explicitada em alegorias que eles compreendiam muito bem, mas nem sempre eram capazes de explicar através da linguagem. Porque há pensamentos e idéias que nenhum idioma jamais escrito pelos homens tem palavras para expressar.

Notas

(50) “*Sabazios, Sabaoth ou Sabbat, o deus dom planeta Saturno, era mais conhecido como Baco ou Dionísio e também chamado, nas regiões semíticas, como Yao ou Yava. Seu culto era mais ou menos associado e identificado com o da Grande Mãe, sob várias designações e caracterizado por procissões, danças, lamentações pela divindade morta e vigília noturna [...]*”. Este é um trecho de **Alexander Wilder** em sua tradução comentada de *Teurgia ou Sobre os Mistérios do Egito*, de **Iâmblico**, realizada em 1911. disponibilizada por Joseph H. Peterson, junto com outros antigos autores para aqueles capazes de ler em inglês, em www.esotericarchives.com.

(51) **Báctria** era o nome antiga de uma região do Afeganistão setentrional, um território plano entre o rio Oxus e as montanhas do Hindu Kush. Foi província do império persa.

(52) Segundo a *Wikipedia*, **Ofiúco** corresponde a Asclepio, filho do deus Apolo e da ninfa Corônides. A ele era se atribuído o poder de ressuscitar os mortos. Preocupado, Hades, o deus dos infernos, pediu a Zeus que o eliminasse. Zeus, entretanto, reconhecendo seu valor, colocou-o no firmamento “rodeado por uma serpente, símbolo da vida que se renova”.

(53) A **Frigia** situava-se onde hoje é a Turquia central, centro de um grande império de língua indo-européia no milênio antes de Cristo. Foi parte do império persa, anexada ao império de Alexandre e mais tarde, parte da província da Ásia, do império romano.

(54) Na mitologia grega, após a morte, as almas dos homens bons e virtuosos iam para os *Campos Elísios*, ou *Elísio* (*Elysion pedion*, em grego), para um feliz repouso, ao contrário dos maus, a quem era destinado o *Tártaro* ou Inferno, lugar de terríveis sofrimentos.

(55) Decididamente de origem frigia, Cibele e Átis foram incorporados ao panteão dos

deuses gregos. Segundo a versão mais aceita da lenda, a deusa enamorou-se de Átis e fez dele seu sacerdote. Este, antes de prestar seu juramento, teve um envolvimento com uma ninfa. Cibele, furiosa, provocou nele um acesso de loucura, durante o qual ele emasculou-se. Ao voltar à sanidade, quis suicidar-se, mas Cibele transformou-o num pinheiro.

(56) *Amshaspands* era a denominação coletiva dos seis atributos de Ormuz ou Ahura Mazda (*Ahura* significa senhor e *Mazda*, sabedoria), a luz das luzes, entidade máxima dos zoroastrianos.

(57) Aqui Pike equivoca-se. O título Companheiro, dado aos Maçons do Real Arco, não tem origem persa, mas é latina. Vem de *compania*, do latim vulgar, aquele que acompanha. No Real Arco, seu significado vem de *cum panis*, iesto é, *com o pão*, aquele com quem se divide o pão. O Rito “Americano” ao qual ele se refere é o *Rito Inglês Antigo* ou *de York*, preservado nos Estados Unidos sem as modificações realizadas na união das duas Grandes Lojas rivais inglesas em 1813, que originaram o *Rito Inglês Moderno*, dos quais o *Emulação* é um dos rituais aceitos.

(58) Os *Dioscuri* eram os deuses gêmeos Cástor e Pólux, como já observado anteriormente.

(59) *Auriga* significa cocheiro, condutor de bigas. Fetón era o filho de Apolo que pediu ao pai para dirigir a carruagem do Sol como prova de que era filho do deus. O nome da constelação faz referência a essa lenda.

(60) Em seqüência, Pike faz uma longa descrição dos mistérios na Índia, China e Japão que fogem aos objetivos desta tradução (JWKB).

(61) *Hu*, ou *Hu Gadarn* (Hu, o poderoso, no idioma galês), o deus do submundo era considerado um personagem mítico, porém legitimado por lendas galesas, ao tempo de Pike. Entretanto, parece ter sido resultado da criação fantasiosa de um certo Edward Williams (1747-1826), cujo amor pelas lendas galesas levou-o a adulterá-las, iludindo até um dos maiores e mais sérios mitólogos, Robert Graves (1895-1985).

(62) A Coroa de Ariadne é uma constelação.

(63) Íaco, o portador da tocha nos Mistérios de Elêusis, onde era considerado filho de Zeus e Demeter, pode ser um epíteto para Baco ou uma divindade separada.

(64) Cerâmico é o nome de uma praça e um subúrbio de Atenas. Deve seu nome a ter sido o distrito dos oleiros (*kerameus*, em grego, de *keramos*, argila). No Cerâmico eram enterrados os soldados mortos nas guerras. Bacchus and Ariadne, quadro de Ticiano Oil on canvas, 1520-23, National Gallery, London.



Monges

e Guerreiros

João Guilherme C. Ribeiro, MRA



Os Hospitalários

Mercadores italianos da cidade de Amalfi(44) haviam fundado, por volta de 1080, um hospício, quer dizer, asilo ou abrigo, dedicado a S. João, e administrado por monges Beneditinos, encabeçados por um dinâmico Irmão Gerard. À atividade hospedeira somou-se a hospitalar.

O Irmão Gerard, administrador incansável e sempre atento às oportunidades, é uma figura cercada de muitas lendas. O trabalho piedoso dos Hospitalários, enriquecido por essas lendas, fizeram sua fama,

atraindo doações de Reis e nobres de todas as partes.

“O habilidoso Gerard estava empregado em grandes empreitadas, não apenas abrigando os peregrinos em Jerusalém, mas estabelecendo uma grande rede de viagens da Europa Ocidental para a Terra Santa.”(45)

Neste mesmo ano, 1113, a bula papal *Pie postulato voluntatis* dava reconhecimento à Ordem, transformando os Beneditinos da Abadia de Santa Maria nos Hospitalários de S. João, a primeira das grandes Ordens medievais. Como Ordem religiosa, os Hospitalários antecedem os Tem-

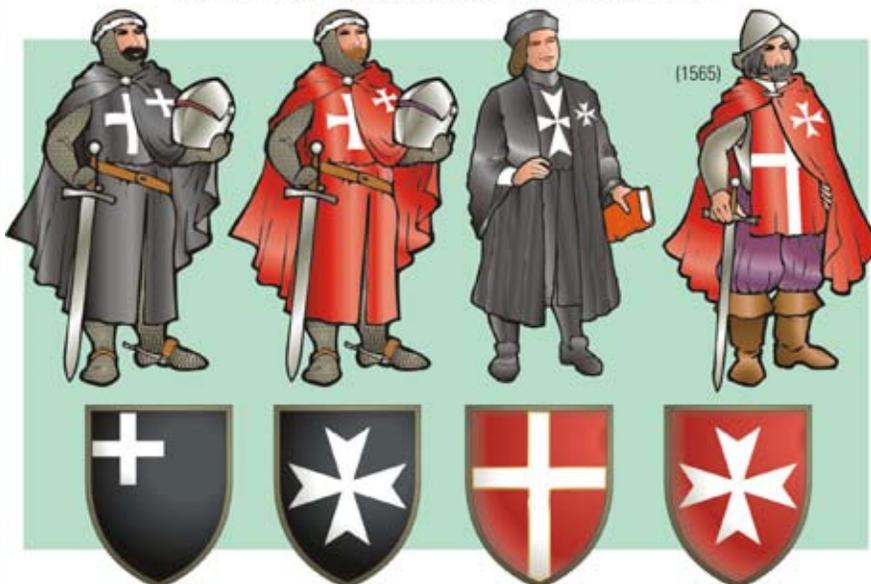
plários, embora, como militares, estes tenham a primazia. Não tardou que os Hospitalários criassem seu braço armado. Mas ambas as vocações, hospitalária e militar, conviviam para sempre lado a lado.

O choque de civilização

Esse íntimo contato com as civilizações muito mais evoluídas do Oriente Médio transformaria os cavaleiros. Esses guerreiros brutais, sujos, iletrados, de mentalidade estreita, oriundos de feudos insignificantes, espantaram-se ao conhecer outros povos, crenças diferentes, novos conceitos de vida e hábitos mais civilizados – de higiene, inclusive!

Naturalmente, para aqueles que permaneceram no reino de *Outremer*, os costumes mudaram e eles passaram a *“uma forma de vida muito mais agradável do que aquela que tinham em suas terras de origem. [...] Os castelos tinham refinamentos muito além dos da Europa. Os Bizantinos, que haviam construído suas casas seguindo as técnicas e tradições dos gregos e romanos que os precederam, foram imitados pelos muçulmanos, que, por sua vez, foram copiados pelos cruzados residentes. Havia um sistema de esgotos eficiente – coisa desconhecida na Europa medieval – água encanada em diversas cidades e, nas áreas onde a água era escassa, grandes cisternas subterrâneas asseguravam que, mesmo no verão longo e abrasador,*

Ordem Militar dos Cavaleiros Hospitalários de S. João de Jerusalém, de Rodes e de Malta



Os brasões das Reppubliche marinare (repúblicas marítimas) italianas, rivais no domínio do comércio do Mar Mediterrâneo até que a queda de Constantinopla levou Portugal e Espanha a buscar outro caminho para as riquezas do Oriente

cidadãos e soldados não ficassem sem água potável. [...] As casas brilhavam com belos objetos de vidro. [...] Algumas cidades ainda tinham banhos públicos, relíquia dos tempos romanos, e nas casas particulares dos ricos ou da nobreza, banhos eram quase lugar comum”.(46)

A Vocação Hospitaleira

Esses refinamentos foram de utilidade para os Cavaleiros de S. João. Em seus castelos e fortalezas, tinham muito mais conforto do que a realeza europeia. Eles se aperceberam de quanto eram benéficos “os princípios de higiene e sanitização que tinham desaparecido de suas terras com a queda do Império Romano do Ocidente. Servir os doentes em pratos de prata indubitavelmente originou-se durante esses anos. [...] De valor inestimável para os Hospitalários, no seu tratamento dos doentes, foi o fato de que – na Síria, especialmente – as tradições da medicina grega sobreviveram aos séculos. As obras de Galeno iriam prover os médicos da Ordem de S. João de uma base excelente para seu estudo e prática da medicina”.(47)

Um monge alemão que visitou Jerusalém, por volta de 1187, conta que o hospital da Ordem tinha 1.000 leitos para ambos os sexos em onze alas. Contrastando vivamente com a intolerância dos Cruzados, muçulmanos e judeus também recebiam cuidados



dos Hospitalários, uma saudável mistura de piedade religiosa cristã e cortesia árabe. “Além dos cavaleiros, havia médicos e cirurgiões assalariados [...] Pacientes eram muito bem alimentados, comendo carne três vezes por semana. Havia galinha para os muçulmanos ou judeus, como alternativa à carne de porco.”(48)

Em campanha, os Hospitalários tinham um corpo médico, que tratava dos feridos em combate e daqueles vitimados pelo calor intenso, acontecimento comum na Palestina.

Em 1130, o Papa determinou que a Ordem conduzisse um estandarte vermelho com uma cruz branca. Em 1248, os Hospitalários adotaram uma túnica negra, usada sobre a cota de malha, adornada com uma cruz branca. Em 1259, trocaram o negro pelo vermelho para os combatentes, mas conservaram o negro para os hábitos monásticos.

Os Hospitalários estavam organizados em *Langues* (línguas, literal-

mente, para facilitar a comunicação), que eram Provence, Auvergne, França, Aragão, Castela, Itália, Inglaterra e Alemanha. Em estrutura e hierarquia, os Hospitalários assemelhavam-se aos Templários. Os Grandes Oficiais ou *Bailios* incluíam o Mestre (único vitalício), eleito da mesma forma como faziam os Templários, o Grande Preceptor de Jerusalém (também chamado *Grande Comendador*), o *Tenente-Comendador*, o *Tesoureiro*, o *Marechal*, o *Drapiier* ou Intendente Geral e o *Turcopolier*, que comandava tropas nativas.

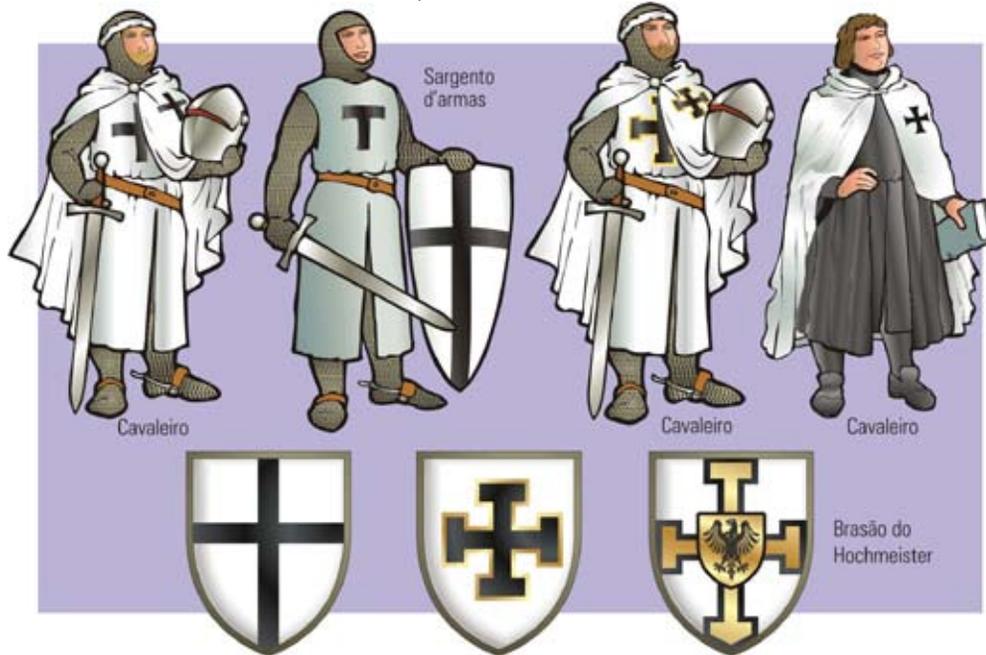
O Rito Escocês Antigo e Aceito, coerentemente, conservaria boa parte desta nomenclatura em seus Grandes Oficiais nos Graus ditos *Filosóficos*.

Como soldados, os Hospitalários nada deviam aos Templários.

Além de servos dos doentes e dos pobres, os Cavaleiros de S. João seriam, cada vez mais, Soldados de Cristo. Até os derradeiros momentos da presença cristã na Terra Santa, seu destino estaria ligado ao de seus companheiros de luta (e quase sempre rivais), os Templários. Mas, por serem Hospitalários, seriam sempre vistos com mais simpatia do que os Templários banqueiros. Afinal, o bolso é o lugar mais sensível do corpo humano...

A obra de Cláudio Galeno, médico grego dos séculos II e III, foi traduzida para o árabe por Hunayn ibn Ishaq em meados do século IX, moldando o racional da medicina islâmica. Levá-la de volta à Europa seria um dos serviços prestados pelos cruzados.

Ordem dos Cavaleiros Teutônicos do Hospital de Santa Maria de Jerusalém, Ordem Teutônica



Os Cavaleiros Alemães

A terceira das grandes Ordens também nasceu na Terra Santa. Durante o cerco de Acre pelo Rei Ricardo Coração de Leão, em 1190, mercadores alemães de Bremen e Lübeck montaram um hospital de campanha na praia. Diz a tradição que foram ajudados por integrantes do Hospital de Santa Maria dos Alemães, que teria sido fundado em Jerusalém em 1127. O Duque Frederico, da Suábia, colocou seu capelão, Conrado, para dirigir o hospital

e transformou a organização numa ordem religiosa, transformada depois em ordem militar. Em 1198, o Patriarca e o Rei de Jerusalém, acompanhados pelos Mestres dos Templários e dos Hospitalários, celebraram a criação dos Cavaleiros Teutônicos do Hospital de Santa Maria de Jerusalém (*Hospitale Sancte Marie Theutonicorum Jerosolitanum*), segundo a organização das duas Ordens anteriores. Seu manto era branco, com uma cruz negra. Como suas predecessoras, era também dividida em províncias

e tinha hierarquia semelhante: Grão-Mestre (*Hochmeister, Magister*), Comendador nacional (*Landmeister*), Comendador provincial (*Landkomtur*), e Comendador local (*Komtur, Preceptor*). Da mesma forma, os postos mais altos eram eleitos por um capítulo geral.

Mas, diferente dos Templários e Hospitalários, nem teve muitas propriedades na Terra Santa nem envolveu-se nas intrigas locais. E também não era tão cosmopolita como as outras, sendo seus membros, na maioria, de descendência alemã. Mas tornar-se-ia igualmente rica e poderosa.

tradição que os primeiros mestres desta Ordem eram leprosos, doença terrível, particularmente comum na Palestina.(49) As regras dos Templários e dos Hospitalários estabeleciam que um cavaleiro, contraindo a doença, deveria transferir-se para a Ordem de S. Lázaro, envergando um manto negro e sem adorno.(50)

“Os Cavaleiros de S. Lázaro nunca foram muito numerosos e tinham apenas um punhado de cavaleiros não leprosos para proteção, embora, sem dúvida, em tempo de crise, os cavaleiros portadores da doença também pegassem em armas.”(51)

Um pequeno contingente lutou bravamente na desastrosa batalha de Gaza, em 1244. Após a queda de Acre, em 1291, a Ordem de S. Lázaro abandonou suas atividades militares, continuando com sua função hospitaleira até 1342.

Depois disso, teriam uma existência apagada até o período da Renascença, quando foi revivida na França. O ramo francês, denominado *Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo e de São Lázaro*, foi incentivado por Louis XIV, o Rei Sol, chegando a ter mais de 140 comendadorias. Nessa Ordem o célebre Michael Andrew Ramsay foi feito Chevalier, envergando a túnica branca, bordada com uma cruz púrpura e verde.

Ordem dos Cavaleiros de S. Lázaro





As Ordens menores

Duas outras ordens foram ainda fundadas na Terra Santa. (184 D)

Os Cavaleiros de Nossa Senhora de Montjoie(52) datam de 1176, baseados no castelo deste nome, numa colina fora das muralhas de Jerusalém. Seu criador foi um fidalgo espanhol, Conde Rodrigo, que cedeu à Ordem terras suas situadas em Castela e Aragón. Foi incorporada aos Templários, em 1224. Usavam manto branco com uma cruz vermelha, não se sabendo de que formato.

A *Ordem dos Hospitalários de St. Thomas of Canterbury*, foi fundada pelo capelão do diácono da igreja de St. Paul, na Inglaterra, quando os Cruzados cercavam Acre, de 1189 a 1191. Comovido pelo sofrimento dos soldados ingleses, começou socorrê-los. Depois da captura da cidade, ajudado por Ricardo Coração de Leão, construiu uma pequena capela e fundou um hospital. Tornou-se uma Ordem militar em 1228. Também chamada de *St. Thomas Acon*, sempre foi pouco numerosa. Seu Mestre e nove de seus cavaleiros pereceram heroicamente quando Acre foi retomada pelos sarracenos. Usavam um manto negro, adornado por uma cruz pátrea, partida de vermelho e branco.

Os Irmãos da Espada

Esta Ordem foi criada em 1204, com o nome de *Fratres Militiae Christi*, por Albrecht von Buxhövdén, fundador da cidade de Riga, hoje capital da Letônia. Destinava-se a combater os povos pagãos da região do Mar Báltico e a defender a cidade recém-fundada. Os Irmãos da Espada, *Schwertbrüder*, como eram conhecidos, nunca foram muitos, mas bateram-se valorosamente contra inimigos muito mais numerosos. Acabaram por juntar-se aos Cavaleiros Teutônicos, embora mantivessem sua identidade. Usavam um manto branco, com uma espada e uma cruz vermelha no ombro esquerdo.

Adeus à Terra Santa

“Acre, com seus trinta mil ou mais habitantes, suas quarenta magníficas igrejas, seus palácios-castelos e sua dupla linha de muralhas, era a mais esplêndida das cidades de Outremer. [...] Era um caos de dezessete diferente jurisdições, as comunidades italianas e os magnatas locais – incluindo o Mestre dos Hospitalários – cada um governando um quarteirão. Era uma cidade, no dizer de Gibbons,(53) de muitos soberanos e nenhum governo, e os foragidos de uma ala encontravam asilo à vontade nas outras.”(54)

Em 1289, só restava Acre em mãos dos cristãos. Em 18 de abril de 1291, com um imenso exército, o Sultão al-Ashraf investiu contra Acre. Mais de 200.000 homens contra 14.000 soldados a pé e 800 cavaleiros, entre os quais contavam-se Templários, Hospitalários, Teutônicos e Cavaleiros da Ordem de S. Lázaro e de S. Thomas. Depois de seis semanas de assédio, onde são muitas as passagens de incrível bravura, os muçulmanos conseguiram forçar uma

brecha e o combate renhido foi travado de rua em rua.

Morreram em luta todos os Cavaleiros Teutônicos, de S. Lázaro e de S. Thomas. Gravemente ferido, o Mestre Hospitalário foi evacuado, bem como o Mestre dos Cavaleiros Teutônicos.

No dia 28, aconteceu o assalto final. Os Templários, muitos já idosos e todos feridos, repeliram assalto após assalto. Finalmente, dois mil mamelucos atacaram e foram igualmente recebidos à espada. As muralhas e as paredes, enfraquecidas por minas e pelo constante bombardeio das catapultas, ruíram sobre defensores e atacantes, sepultando-os todos.

O reino dos Cruzados desaparecera. Outremer, a *douce Syrie*, não mais existia. Não nos espanta que os Monges Guerreiros tenham perdido Jerusalém e suas possessões no Oriente Médio. Espanta-nos, isto sim, é que os tenham conservado por tanto tempo, com tão poucos cavaleiros.

A Reconquista Espanhola

No extremo ocidental da Europa, os árabes haviam cruzado o Estreito de Gibraltar, tomando quase toda a Península Ibérica. Aqui aconteceu a história da Palestina às avessas, a retomada pelos cristãos de territórios

Cavaleiros teutônicos em gravura do século XIX.



tomados pelos muçulmanos. A Reconquista duraria mais de 700 anos. “Durante o século XII, algumas das ordens militares-religiosas, fundadas na Terra santa após a Primeira Cruzada, começaram a estabelecer-se na Península Ibérica, buscando recrutas e obtendo terras dos Reis ibéricos a ajudando-os na Reconquista. O exemplo dos Templários e Hospitalários de S. João devem ter sido uma influência decisiva no surgimento das primeiras Ordens ibéricas, criadas com o mesmo ideal cristão.”(56)

Embora sujeitos a inúmeras incursões, os pequenos reinos ibéricos do Norte, que os árabes não tinham conseguido dominar, mantiveram a ferro e fogo sua independência.

Muito foi devido às pequenas confrarias armadas, profundamente religiosas, chamadas *hermangildas*, embriões das Ordens espanholas.

A Ordem de Calatrava

Em 1147, as forças de Alfonso VII de Castela tomaram aos mouros a fortaleza de Calatrava e entregaram-na aos Templários para defendê-la. Dez anos depois, frente à ameaça de nova ofensiva árabe, estes julgaram a fortaleza indefensável e informaram ao Rei Sancho III que iriam evacuá-la. O Abade do mosteiro de Santa Maria de Fitero, em Navarra, Ramón Sierra, e o monge Diego Velasquez ofereceram-se para defendê-la, com a ajuda de seus monges e de soldados de Navarra. Em 1164, os monges voltaram para o mosteiro de Fitero. Os cavaleiros e os soldados leigos elegeram seu primeiro Mestre, Don Garcia, solicitando filiação à Ordem dos Monges Cistercianos. Foram aceitos como legítimos Soldados de Cristo e, naquele mesmo ano, obtiveram do Papa Alexandre III o status de ordem religiosa. A grande diferença dos Cavaleiros de Calatrava era sua característica nacional: embora tecnicamente sujeitos aos Cistercianos, juravam lealdade aos soberanos de Castela.

Usavam uma túnica branca, com capuz. Mais tarde, adotaram túnicas cinza. Em serviço, usavam um longo manto, sem mangas, como os Templários, e sem adorno. As armaduras eram sempre negras. “Em

1397, a Ordem adoto como insígnia uma cruz vermelha – inicialmente uma cruz florenciada, mas posteriormente as pétalas da flor-de-lis foram torcidas para trás, até tocar os braços, para formar o M de Maria. [...] De 1400 adiante, os cavaleiros usavam uma túnica preta ou cinza escuro, com a cruz vermelha no peito esquerdo, mas [...] usavam o manto branco quando no claustro.”(58)

A Ordem de Santiago

“Uma *hermangilda* perto de Cáceres [...] ofereceu-se para defender os peregrinos em viagem para Santiago de Compostela. Há muito tempo assaltantes de estrada molestavam os devotos viajantes ao longo da via sacra. De guardar uma rota de peregrinos a lutar contra os mouros foi uma transição lógica.”(59)

A esses Cavaleiros de Cáceres foi dada a cidade de Uclés, na fronteira de Castela, para defender. O Papa Alexandre III também os reconheceu em 1175, com o nome de Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. Seu primeiro Mestre, Frey Pedro Fernandez de Fuente Escalato, foi morto em combate, no cerco de Cáceres em 1184.

A Ordem prosperou em Espanha e Portugal. Os cavaleiros também faziam os votos de pobreza, castidade e obediência, mas podiam casar. Embora fizessem retiros durante épocas como a Quaresma e o Advento, tinham vida normal com suas esposas.

Os cavaleiros usavam hábito branco, com a cruz vermelha característica, de braço inferior afilado, como a lâmina de uma espada. Sua divisa era *Rubet ensis sanguine Arabum* (Possa a espada ficar vermelha de sangue árabe) e seu grito de guerra *Santriago y cierra España!* (São Tiago e avante, Espanha!).

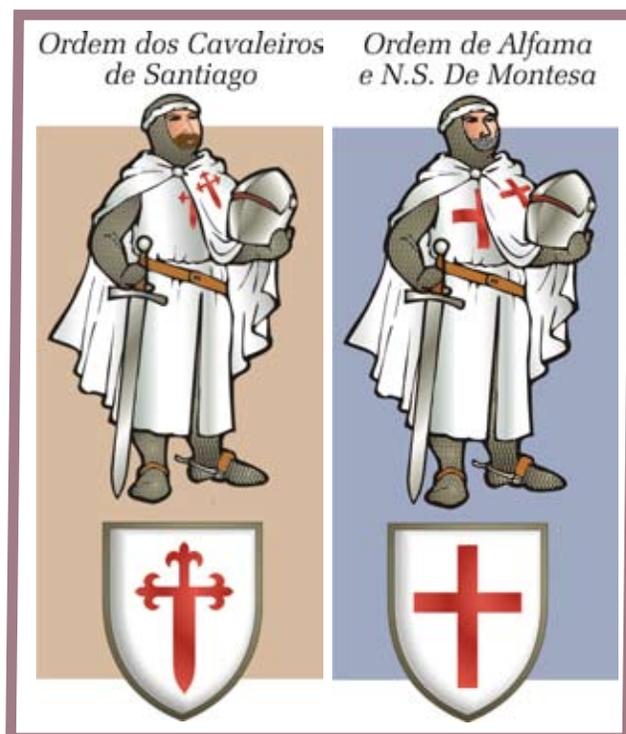
O apelido *Matamouros* (mata mouros) dado a São Tiago, patrono da Ordem, foi dado pelo Rei Alfonso, convertendo o Apóstolo em símbolo da luta espanhola contra

o Islã. O grito de guerra, herança da Reconquista, permanece ainda hoje com as forças armadas espanholas.

A Ordem de Alcântara

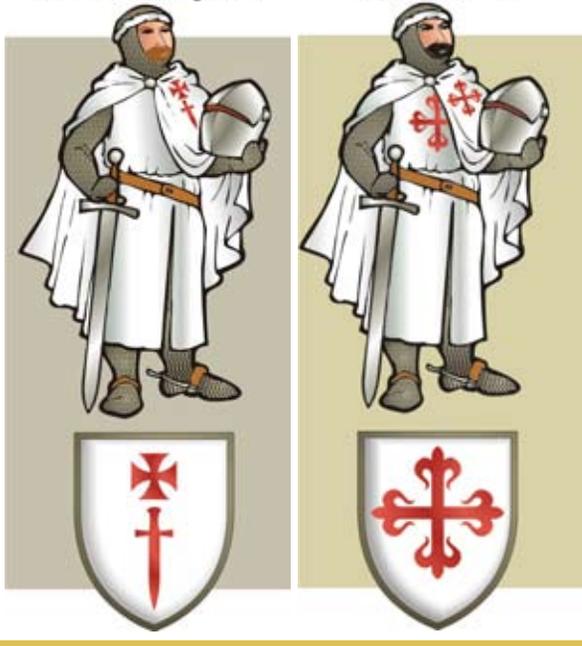
Um pouco antes de 1170, ainda outra *hermangilda*, denominada Cavaleiros de San Julián de Pedro, lutava na fronteira de León e Castela com os mouros. Em 1176, o Rei Ferdinando II de León cedeu-lhes terras e o Papa Alexandre III reconheceu-os como ordem religiosa. Logo depois, o Papa Lúcio III deu a seu líder, Gomez Fernandez, o título de *Maestre*. Em 1187, precisando do apoio de uma instituição mais forte, colocaram-se sob a proteção da Ordem de Calatrava, adotando regras similares e um manto branco.

O Rei Alfonso de León, em 1217, deu a cidade de Alcântara aos Cavaleiros de Calatrava e estes, no ano seguinte, cederam a cidade e todas as suas propriedades no Reino de León à Ordem de S. Julián, que passou a denominar-se *Ordem dos Cavaleiros de Alcântara*. Os cavaleiros passaram a envergar um manto branco, sem adornos. Por volta de 1400, já usavam a cruz de Calatrava, só que em verde. Em 1234, já eram 600 cavaleiros e 2000 infantas.(60)



Ordem dos Irmãos da Espada

Ordem dos Cavaleiros de Calatrava



Ordens Menores Espanholas

As três pequenas Ordens que se seguem, criadas em Aragón, acabaram formando uma única.

Os *Mercedarianos* foram fundados em 1233, em Aragón, por um nobre de Provença, Père Nolasco. Seu objetivo era resgatar escravos cristãos sem recursos. A Ordem acabou tendo um braço militar, ainda que pouco numeroso. Em 1317, passou a ser apenas religiosa, embora continuasse a nomear cavaleiros honorários. Seus cavaleiros usavam o hábito branco, com o brasão de Aragón pendente em uma corrente ao pescoço.

A *Ordem de Nossa Senhora de Montesa*, fundada em 1326, para suceder aos Templários na Espanha, tomou seu nome do preceptorado Templário em Valência. Seu primeiro Mestre, Frey Guillen d'Eril, e seus primeiros cavaleiros vieram da Ordem de Calatrava, absorvendo os cavaleiros Mercedarianos, cuja instituição tinha cessado suas atividades militares. Pobre e nunca muito numerosa, veio a fundir-se, em 1400, com a *Ordem de S. Jorge de Alfama*, também pequena, que havia sido fundada por volta de 1200. Os cavaleiros de ambas usavam o hábito e a cruz dos Templários.

O fim da Espanha Moura

Em torno de 1120, motivados pelo movimento almôada, doutrina religiosa fundamentalista, os bérberes montaram um estado teocrático, sediado em Marrakesh, e tomaram as regiões muçulmanas da Espanha, substituindo a política tolerante dos Califas de Córdoba por um regime intolerante, que provocou o êxodo de muitos judeus e moçárabes cristãos.(61)

Em 1212, os espanhóis, liderados pelo Rei Alfonso VIII, enfrentou o exército bérber, muito mais numeroso, na planície de Las Navas de Tolosa. O centro era comandado pelo Rei de Castela, a direita pelo Rei de Navarra, Sancho VIII, e a esquerda, onde estavam as Ordens, pelo Rei Pere II, de Aragón. Foi uma batalha terrível, sangrenta, onde muitos cavaleiros perderam a vida, sustentando suas posições, até a carga decisiva das forças do Rei Sancho.(62)

A espinha do poder mouro na Espanha fora quebrada. Embora a Reconquista só fosse terminada com a queda de Córdoba, em 1492, os mouros nunca mais voltaram à ofensiva.

A Reconquista em Portugal

Os portugueses também tiveram que retomar boa parte de sua terra aos mouros. E, para manter-se independentes, muitas vezes foram

aos tapas com seus vizinhos cristãos de Castela.

Portugal surgiu do pequeno Conda do Portucalense, confiado a um cavaleiro de Borgonha, D. Henrique, em 1097. Com seu filho, D. Afonso Henriques, nasce um Portugal independente de Castela e disposto a conquistar os territórios ao Sul, no que os Monges Guerreiros teriam destacada atuação.

A Ordem Militar de Avis

Um pequeno grupo de cavaleiros portugueses, os Irmãos de Santa Maria, milícia criada por volta de 1162, dizem, pelo primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques, para defender a recém recapturada cidade de Évora. Em 1187, tornou-se uma Ordem, sob os cavaleiros espanhóis de Calatrava, com o nome de *Milícia de Évora da Ordem de Calatrava*. O Rei D. Afonso II cedeu-lhes a cidade de Avis, que fortificaram e tomaram como sede em 1244. Daí por diante, a Ordem seria conhecida por *Ordem de Avis*.

Por volta de 1249, a reconquista de Portugal e Algarve estava completa. Mas, devido ao estado de guerra latente entre Portugal e Castela, o Rei D. Diniz quis que Roma reconhecesse como independentes a Ordem de Avis e também o ramo português da Ordem de Santiago.(63) Claro, Castela protestou. Uma longa disputa continuou nos bastidores, mais acirrada ainda quando um Príncipe bastardo, Mestre da Ordem de Avis, foi proclamado Rei de Portugal, em 1385, como D. João I. A conseqüente invasão castelhana foi des-



Este afresco da Catedral de Siena, de Pintoricchio (1454-1513), artista renascentista italiano, mostra um Cavaleiro de S. João em sua prece.



Ordem dos Cavaleiros de Avis



baratada na decisiva batalha de Aljubarrota, no mesmo ano. A união feliz de D. João I com Filipa de Lancaster, mulher enérgica e decidida, daria rebentos notáveis, uma geração de magníficos Príncipes – D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique e D. Fernando – conhecida para a posteridade como a *ínclita geração*.

Cavaleiros e Corsários

Depois da queda de Acre, os Hospitalários foram para a ilha de Chipre e depois tomaram a ilha de Rhodes, perto da costa turca, então um ninho de piratas, em 1307. Lá montaram seu quartel general e transformaram-se eles mesmos, por mais de dois séculos, em poder naval digno de respeito, espalhando o terror nos navios turcos. Os Hospitalários defenderam-se com sucesso do crescente poderio turco em 1444 e 1480, mas, *“em 1520, o Sultão otomano Selim, o Taciturno [...] morreu quando estava reunindo um exército para destruir o ‘ninho de víboras cristãs’.* Foi sucedido por seu filho único, Suleiman, destinado a tornar-se o maior dos governantes da história turca [...] *temido e, ao mesmo tempo, admirado em toda Europa como Suleiman, o Magnífico”.*(64)

Em 26 de junho de 1522, duzentos mil turcos desembarcaram em Rhodes. A luta desigual iria durar seis meses. Em 20 de dezembro, o Grão-Mestre Philippe Villiers de

l’Isle Adam pediu um armistício. Suleiman, impressionado pela bravura dos cavaleiros, concedeu – *“na noite de 1º de janeiro de 1523, um clarim solitário tocou e, então, para surpresa dos sitiados, os cavaleiros marcharam em formação, armaduras polidas, bandeiras ao vento, ao som de tambores. Então eles embarcaram [...] Na galé do Grão-Mestre, desfraldada a meio pau, tremulava uma bandeira da Virgem Dolorosa, com o corpo do Filho morto em seus braços, e com a inscrição Afflictis tu spes unica rebus (Em tudo que nos aflige és nossa única esperança)”.*(65)

Por alguns anos, os Hospitalários viveram no exílio, até que Carlos V cedeu-lhes as três ilhas do arquipélago de Malta, de onde eles continuaram sua guerra contra os turcos.

Em 1565, Suleiman ainda governava. Só fora derrotado uma vez, em 1529, em Viena. Só Malta desafiava o Crescente do Islã no Mediterrâneo. Quando os Hospitalários tiveram a audácia de apresar um navio carregado de mercadorias pertencente ao eunuco-chefe e às concubinas do harém do velho Sultão, este encheu-se de fúria. De uma vasta armada de 200 navios, desembarcaram mais de 30.000 homens, a elite do exército turco, para atacar a pequenina Malta, guarnecida por 600 cavaleiros, 1.200 soldados italianos, espanhóis e italianos e 3.000 homens da milícia dos cidadãos de Malta, comandados pelo Grão-Mestre Jean de La Valette, ainda um valoroso combatente aos seus 70 anos.

Notas & Referências

(44) Em ambos as costas da península italiana floresceram cidades cuja prosperidade dependia fundamentalmente do comércio. Amalfi, Pisa, Gênova e Veneza constituíram as famosas *Repubbliche Marinare* (repúblicas marítimas), principais responsáveis pela entrada das especiarias, da seda e de tudo o que vinha do Oriente, antes que os portugueses descobrissem o caminho marítimo para as Índias e deslocassem o eixo comercial. Ainda que frequentemente lutassem entre si por causa da rivalidade comercial, foram, por muito tempo, praticamente a única resistência no Mediterrâneo Ocidental às incursões muçulmanas. A cruz que hoje conhecemos como de Malta vem do brasão da cidade de Amalfi, de onde se originaram os fundadores da Ordem dos Cavaleiros Hospitalários.

(45) *The Knights of Malta*, H.J.A. Sire, Yale University Press, 1996

(46) *The Knights of the Order*, Ernle Bradford, Barnes & Noble, 1972

(47) Ernle Bradford, op. cit.

(48) Desmond Seward, op. cit.

(49) A lepra, ou hanseníase, é uma doença infecciosa, cujo bacilo causador foi descoberto pelo médico norueguês **Armauer Gerhard Henryk Hansen**, em 1874. O tratamento com êxito seria conseguido apenas em meados do século XX, com a utilização das sulfonas.

(50) No século XVI, receberia uma cruz verde.

(51) Desmond Seward, op. cit.

(52) Montjoie, ao pé da letra *monte alegre*, era um castelo numa colina perto de Jerusalém, no caminho dos peregrinos. O nome deriva das exclamações de alegria daqueles que pela primeira vez avistavam a Cidade Santa.

(53) **Edward Gibbons** (1737-1794), historiador inglês, é o autor de uma obra de fôlego, *História do Declínio e Queda do Império Romano*, um clássico monumental de 5 volumes.

(54) H.J.A. Sire, op. cit.

(55) *Mameluco*, termo que significa escravo, inicialmente usado para designar os soldados da guarda pessoal dos governantes muçulmanos, passou a designar os hábeis mercenários turcos que, em 1254, formaram sua própria dinastia no Egito.

(56) *Ordem Militar de Sant'Iago da Espada*, José Vicente de Bragança, 1998

(57) *Dicionário dos Santos*, Donald Attwater, Círculo do Livro, 1983

(58) Terence Wise, op. cit.

(59) Desmond Seward, op. cit.

(60) Terence Wise, op. cit.

Legendas The Hospitalier Maréchal Mathieu de Clermont defending the walls. Siege of Acre, 1291. Versailles.

The St. John's Co-Cathedral built by the Knights of Malta in Valetta, Malta.

La bataille de Dorylée (*Histoire d'Outremer*, XIVe siècle, BN MS Fr. 352 f. 49)

La bataille de Dorylée (*Histoire d'Outremer*, XIVe siècle, BN MS Fr. 352 f. 49)

Saladin victorieux

Des croisés en prière (Naples, Dôme de Saint-Janvier, XIVe siècle)

Ce site est maintenu par: Marc Carrier (civitae) Avec la collaboration de: Yves Gravelle et Bernard Chaput

Copyright © 2007 Marc Carrier, tous droits réservés (droits d'auteur)

Grand maître de l'Ordre des Chevaliers teutoniques

Eminence grise de l'empereur Frédéric II de Hohenstaufen

Château de Marienburg

This is one of the earliest printed editions of Galen. Nine editions of his works were published by a single printer in Venice between 1541 and 1625. Three hundred years later Galen was still being retranslated (in 20 volumes). By 1551 the need for an index stimulated the production of a concordance, and the handwritten annotations in many surviving copies shows the detailed way they were read and interpreted as the overriding authority in medical science.



“... Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado; alegraram-se, pois, os discípulos ao verem o Senhor. Ele disse-lhes novamente: A paz seja convosco. Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós.” João 20: vers 20/21

Salvemos a Paz

Geraldo Souto de Almeida, 33º

Gr.: Insp.: Lit.: de Honra – 6ª Região - Bahia



Com esta máxima, Cristo, o ser mais iluminado, mas notável que já habitou nesta terra, indiscutivelmente se constituiu no maior vivenciador da Paz entre os homens e, potencialmente, o grande apologista do Amor, Verbo divino, Luz da Vida, testificador incontestado de fé no Espírito Santo de Deus. Apregoador conducente da Paz e da Concórdia, destacou-se pela excelência dos Seus ensinamentos e testemunhos de Amor ao Criador dos mundos e a todos os homens, indistintamente.

Grandes vultos da história, que antecederam a Cristo, colaboraram para o aperfeiçoamento espiritual de toda a humanidade – embora esta, parece-nos, não ter assimilou tais ensinamentos, considerando-se o altíssimo índice de violência que campeia por todo o planeta – a exemplo de Confúcio, filósofo chinês que defendia a moralidade social, religiosa e todos os aspectos culturais centrados na Paz da raça humana; de Siddhartha Gautama, o Buda, apregoador incansável da Paz, que ensinava ao seu povo como viver virtuosamente através do Amor entre todas as criaturas; e de tantos outros que se notabilizaram exemplarmente, cuja filosofia de vida se

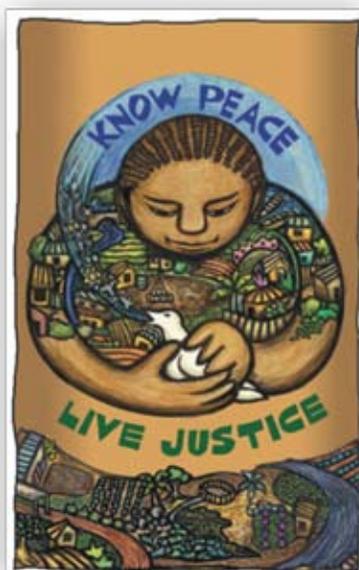
constituía na busca incessante da Paz interior por meio da plena sabedoria.

Na época contemporânea, muitas outras personalidades da história mundial, como o Mahatma Gandhi, grande líder nacionalista indiano, apologista da “não violência”, que dedicou toda a sua vida lutando pela Paz e Justiça social de seu povo; Madre Tereza de Calcutá, re-

ligiosa iugoslava radicada na Índia, que pela prática da caridade recebeu o Prêmio Internacional da Paz no ano de 1971; e também o papa João XXIII. Todos estes se destacaram como proeminentes defensores da Paz, opositores ferrenhos da discórdia e adeptos da caridade, pois bem sabemos, que fora da caridade não há salvação.

Exemplos do cultivo da Paz, que nos foram legados por todas essas personalidades, oriundas de tão longínquas eras, ainda não foram suficientes para que o homem se afaste definitivamente dos princípios que obstaculizam a Paz e se ajuste à concórdia, rejeitando a insensatez dos belicosos, a ignorância dos prepotentes e daqueles desajustados com a razão e distantes da Paz. Enfim, percebe-se que os inconseqüentes que desprezam a Paz, tal como animais embrutecidos, se distanciam cada vez mais da máxima largamente exaltada por Cristo: “A paz esteja convosco”.

Temos escalado culminâncias. Possuímos cultura e riqueza, bens materiais, dinheiro abundante, boas casas, grandes latifúndios, títulos de destaque na sociedade ou instituições em que vivemos, mas, não entendemos por que o homem não conseguiu ainda definitivamente, viver em Paz! Por que despreza valores da moralidade e se deixa levar



por vantagens ilusórias, desprezíveis aos olhos de Deus, traíndo sempre a sua consciência em troca de valores efêmeros, mergulhando cada vez mais no abismo por ele mesmo criado. E a sua consciência, como é que fica, mesmo sabendo que ela é o maior tribunal do mundo? Se não damos importância a isso, e as contas que iremos prestar a Deus? Seremos pesados na mesma balança que aqui pesamos...

Por que o homem moderno ignora tanto a realidade da vida? Por que se encanta com os avanços da ciência, da fascinante tecnologia atual, priorizando-a e muitas vezes aplicando-a em serviço oprobioso, ofuscando a verdade, tornando-se paupérrimo de caráter, intransparente e espiritualmente insensível ao Amor ao próximo e conseqüentemente se afastando cada vez mais de Deus e ausentando-se cada vez mais da Paz? E a Paz que Cristo sempre defendeu, por que desprezará-la? E o sacrifício de Sua morte na cruz para nos salvar e difundir a Paz, porque continuamos ignorando esses valores?

Quantitativamente crescem os homens na terra; intelectual e cientificamente desenvolvem-se a olhos nus. A ciência, aliada à técnica, possibilita a riqueza material, de modo a confundir o desatento homem.

Contudo, para aquele que cuida necessariamente de amparar e garantir as conquistas de modo equilibrado e natural, propiciando a toda a humanidade uma vida fecunda, com base na harmonia, no respeito, no entendimento e na Paz, de seus esforços brotarão preciosos frutos de Amor e Progresso.

É evidente, que não somos contra os avanços da ciência e do fascínio das novas tecnologias, mas entendemos que não podemos priorizá-las como regras básicas de todas as nossas ações, assim como fazemos com o Livro da Lei.

Será preciso, urgentemente, que forças inspiradas no Amor a Deus, movidas e orientadas sob as luzes do Senhor Jesus Cristo, decidam-se a erguer o mundo do caos em que se encontra.

Homens de boa vontade, aliem-se num movimento de salvação espiritual que busque sensibilizar as massas. Um movimento que atinja todas as latitudes, convencendo a todos do perigo a que estamos expostos, com a belicosidade de nossas próprias e assustadoras ações e até mesmo pelo previsível incêndio de todo o planeta, conforme registro na Escritura Sagrada.

Existem forças benéficas no mundo, grandes idealistas, capazes de dar outros rumos aos tenebrosos acontecimentos da atualidade. Existem, mas necessitam ser mobilizadas. Forças que amam a Paz, porque sabem que a civilização, construída a duras penas, está cada vez mais ameaçada de desaparecer se não forem contidos os pilotos da destruição. Destroem-se florestas, rios, lagos, animais; a vida de seres humanos vem sendo cada vez mais covardemente ceifada e banalizada por homens insensatos que têm o crime como profissão!

Entendemos que há cabimento para um movimento mundial mais consistente, com base na elevação moral e espiritual dos homens. Que sejam levantadas, em todos os quadrantes da terra, forças definidas pela Paz, e que essa Paz, em especial, seja estendida a toda família maçônica. E que não fique encerrada necessariamente no interior dos Templos, efêmera como as flores, que fenecem no mesmo dia em que desabrocham, mas que seja plena e eterna. E que se espalhe por todo universo. Porque se assim não for feito, imprevisível será o futuro de nossa civilização, que não está sabendo criar meios para superar os seus próprios vícios e imperfeições e que neles mergulhou para – quem sabe – não mais emergir.

Será o fim de um ciclo histórico, que assim se findará lugubrememente, levando consigo os seus autores e o saldo negativo de suas ilusões e seus atos nefastos.

"Pagarão os justos pelos pecadores".

Mas, ainda há tempo. Salvemos a Paz !



A preocupação com a Paz encontra eco em todas as partes e em todas as idades, como podemos apreciar nestes posters que têm aparecido na internet.

*Supremo Conselho Grau 33º
do Rito Escocês Antigo e Aceito
da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil*

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Venâncio Igrejas, 33º
Ex-Soberano Grande Comendador, Membro Efetivo

Geraldo de Souza, 33º
Lugar Tenente Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Grande Ministro de Estado

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

Joaquim Alves Barbosa, 33º†
Grande Chanceler G.: dos Selos

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º

Geraldo de Souza, 33º

Ballo Geay Yacouba, 33º
Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º
Polônia

Carlos Reyes Geenzier, 33º
Panamá

Henri L. Baranger, 33º
França

Membros Efetivos

Venâncio Pessoa Igrejas Lopes (12/11/1972)

Geraldo de Souza (12/11/1972)

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

*Francisco Bezerra de Araújo Galvão Neto
(24/09/1991)*

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Joaquim Takao Tano (12/03/1993)

José Ebram (12/11/1993)

Atyla Quintães Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

*Cyrilo Leopoldo Carvalho da Silva Neves
(21/09/2000)*

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco “Bonato” Pereira da Silva (24/09/2002)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

Nelson Gonçalves Correlo (11/09/2004)

Paulo Fernandes Silveira (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes, 33º (30/9/2006)



Revista Astréia

Órgão Oficial do **Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil.**

Fundada em 1º de janeiro de 1927,
pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, Soberano Grande Comendador**

Redator Chefe

Ir.: **Geraldo de Souza, 33º, OJB 0065**

Diretor e Jornalista Responsável

Ir.: **José Fernando Miranda Salgado, OJB 1102 – 99**

Redatores Adjuntos

Ir.: **João Alexandre Rangel de Carvalho, 33º**

Ir.: **Venâncio Igrejas, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Antônio Sodrê Brandão**

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional

Rua São Vicente, 127 - Tijuca
20620-140 Rio de Janeiro RJ

*Tiragem desta Edição: 13.000
exemplares*

Correspondência

Revista Astréia

Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321- 620 Rio de Janeiro RJ
Telefone: (21) 3390-3000
www.sc33.org.br
secretaria@sc33.org.br

*Os artigos publicados nesta revista
são de inteira responsabilidade de
seus autores.*



A



B



C

Só para quem pode!

A Camisa polo com a Águia Bicéfala, nas cores branco, preto e cinza e nos tamanhos M, G e GG - **R\$ 25,00**

B Boné branco, com a Águia Bicéfala ou a Cruz de Lorena* - **R\$ 15,00**

C Pin com a Águia Bicéfala ou a Cruz de Lorena* - **R\$ 5,00**

D Par de abotoaduras douradas, com a Águia Bicéfala e Coroa - **R\$ 30,00**

E Pin Oficial com a Águia Bicéfala em dois tamanhos. Pequeno - **R\$ 20,00**; Grande - **R\$ 40,00**

* somente para Maçons Graus 33º

Acrescentar ao pedido R\$ 5,00 para despesas de remessa.

Faça hoje mesmo seu pedido!

Faça o pagamento por depósito bancário (Banco do Brasil Ag. 0493-6 conta 6158-1) e envie o comprovante por e-mail, fax ou pelos Correios.



D



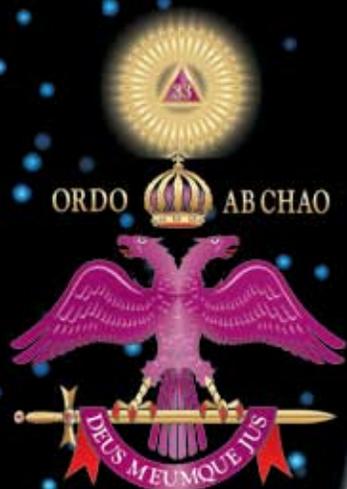
E

Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá
21.321-620 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil
Tel/Fax.: (21) 3390-3000 / 2489-9094 / 3390-8102
secretaria@sc33.org.br • [/www.sc33.org.br](http://www.sc33.org.br)
MSN: supremo_conselho@hotmail.com

Em amizade com todos os Supremos Conselhos regulares do mundo.

*Supremo Conselho do Grau 33 do Rito
Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria
para a República Federativa do Brasil*

Fundado em 12 de março de 1829



Rua Barão, 1317 - Praça Seca, Jacarepaguá
21321-620 Rio de Janeiro, RJ - Brazil
Telefax: (021) 3390-3000
www.sc33.org.br / secretaria@sc33.org.br